

# la suma de TODO



David Eagleman

ROCCO

# a soma de tudo



David Eagleman

rocco

A SOMA DE TUDO

*David Eagleman*

# A SOMA DE TUDO

*40 histórias espirituosas sobre o Além*

Tradução de Ryta Vinagre

*Rocco*

Título original

SUM

Forty Tales from the Afterlives

*Copyright* © 2009 by David Eagleman

Todos os direitos reservados.

PROIBIDA A VENDA EM PORTUGAL.

Direitos para a língua portuguesa reservados com exclusividade para o Brasil à EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231-8º andar

20030-021 — Rio de Janeiro — RJ

Tel.: (21) 3525-2000-Fax: (21)3525-2001

[rocco@rocco.com.br](mailto:rocco@rocco.com.br)

[www.rocco.com.br](http://www.rocco.com.br)

*Printed in Brazil*/Impresso no Brasil

Preparação de originais

TAÍS FACINA

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Elis Eagleman, David

A soma de tudo: 40 histórias espirituosas sobre o Além//David Eagleman; tradução de Ryta Vinagre. - Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

Tradução de: Sum: forty tales from the afterlives

ISBN 978-85-325-2550-5

1. Vida eterna - Ficção. 2. Ficção norte-americana.  
I. Vinagre, Ryta. II. Título.

10-1285 CDD-813  
CDU-821.111(73)-3

## Sumário

*Soma*  
*Egalitaire*  
*Círculo de amigos*  
*Evolução das espécies*  
*Giganta*  
*Mary*  
*O elenco*  
*Metamorfose*  
*Perdidos*  
*Espirais*  
*Escalas*  
*Adesão*  
*Angústia*  
*Oz*  
*Grandes expectativas*  
*Espelhos*  
*Eternidade*  
*O inatural*  
*Distância*  
*Rédeas*  
*Micróbio*  
*Ausência*  
*Fogo-fátuo*  
*Incentivo*  
*Comutador da morte*  
*Encore*  
*Prisma*  
*Inefável*  
*Panteão*  
*Impulso*  
*Quantum*  
*Conservação*  
*Narciso*

*Semente*  
*Cemitério dos deuses*  
*Apostasia*  
*Projeto*  
*Subjuntivo*  
*Busca*

## *Soma*

No Além, você revive todas as suas experiências, mas, desta vez, com os acontecimentos reembaralhados numa nova ordem: são agrupados todos os momentos de mesma natureza.

Você passa dois meses dirigindo pela rua na frente de sua casa, sete meses fazendo sexo. Dorme por trinta anos sem abrir os olhos. Por cinco meses seguidos, folheia revistas enquanto está sentado na privada.

Você sente toda a sua dor de uma só vez, todas as intensas 27 horas de dor. Ossos quebrados, batidas de carro, cortes na pele, partos de bebês. Depois que passa por isso, está livre de agonias pelo resto de sua vida no Além.

Mas isso não significa que seja sempre agradável. Você passa seis dias cortando as unhas. Quinze meses procurando objetos perdidos. Dezoito meses esperando numa fila. Dois anos de tédio: olhando fixamente pela janela de um ônibus, sentado num terminal de aeroporto. Um ano lendo livros. Seus olhos doem e você sente coceira, porque só poderá tomar um banho quando estiver na hora de fazer sua maratona de duzentos dias de chuveiro. Duas semanas se perguntando o que acontece quando você morre. Um minuto percebendo que seu corpo está em decadência. Setenta e sete horas de confusão. Uma hora dando-se conta de que esqueceu o nome de alguém. Três semanas percebendo que está errado. Dois dias mentindo. Seis semanas esperando o sinal verde. Sete horas vomitando. Catorze minutos vivendo a mais pura alegria. Três meses lavando roupa. Quinze horas escrevendo sua assinatura. Dois dias amarrando sapatos. Sessenta e sete dias de mágoa. Cinco semanas perdendo-se de carro. Três dias calculando gorjetas de restaurantes. Cinquenta e um dias decidindo o que vestir. Nove dias fingindo que entende o que estão lhe dizendo. Duas semanas contando dinheiro. Dezoito dias olhando o que tem na geladeira. Trinta e quatro dias de anseio. Seis meses vendo comerciais. Quatro semanas sentado, refletindo, perguntando-se se poderia fazer alguma coisa melhor de seu tempo. Três anos engolindo comida. Cinco dias abrindo e fechando botões e zíperes. Quatro minutos perguntando-se como seria sua vida se você misturasse a ordem dos acontecimentos. A essa altura no Além, você imagina uma coisa análoga à sua vida terrena e a ideia é uma bênção: uma

vida em que os episódios são divididos em mínimos pedaços que você pode engolir, em que os momentos não perduram, em que se vive a alegria de saltar de um acontecimento para outro como uma criança pulando de um ponto a outro da areia escaldante.

## *Egalitaire*

No Além, você descobre que a Deusa entende as complexidades da vida. Originalmente, Ela se sujeitou à pressão dos colegas quando estruturou o universo como fizeram todos os outros deuses, com uma classificação binária em bem e mal. Mas logo Ela percebeu que o homem pode ser bom de muitas maneiras e ao mesmo tempo corrupto e mesquinho de outras. Como arbitraria quem vai para o Paraíso e quem vai para o Inferno? Não seria possível, refletiu Ela, que um homem pudesse ser um malversador de fundos e ainda assim doar a causas caritativas? Não poderia uma mulher ser uma adúltera, mas levar prazer e segurança à vida de dois homens? Não poderia uma criança espalhar inadvertidamente segredos que separam uma família? Dividir a população em duas categorias - os bons e os maus - parecia uma tarefa mais razoável quando Ela era mais nova, mas essas decisões ficaram mais difíceis com a experiência. Ela compôs fórmulas complexas para pesar centenas de fatores e usou programas de computador que vomitavam longas tiras de papel com decisões eternas. Mas Suas suscetibilidades se revoltaram com essa automação - e quando o computador gerava uma decisão, Ela discordava dele, Ela aproveitou a oportunidade para chutar a tomada de raiva. Naquela tarde, Ela ouviu as queixas dos mortos de duas nações em guerra. Os dois lados sofriam, os dois lados tinham reclamações legítimas, os dois lados justificavam com sinceridade seus problemas. Ela tapou os ouvidos e gemeu de infelicidade. Sabia que Seus seres humanos eram multidimensionais e não podia mais viver sob a arquitetura rigorosa de Suas decisões da juventude.

Nem todos os deuses sofrem desse jeito; podemos nos considerar afortunados, porque na morte respondemos a uma Deusa com uma sensibilidade profunda para com os corações bizantinos de Suas criações.

Por meses, Ela se lamentou em Sua sala de estar no Paraíso, a cabeça tombada como um junco, enquanto as filas aumentavam. Seus conselheiros Lhe recomendaram delegar a tomada de decisão, mas Ela amava demais Seus humanos para deixar que terceiros cuidassem deles.

Num momento de desespero, passou por Sua cabeça a ideia de deixar que todos esperassem indefinidamente na fila, que se virassem sozinhos. Mas depois uma ideia melhor ocorreu a Seu espírito generoso. Ela podia

fazer isso: daria a todos, a cada humano do mundo, um lugar no Paraíso. Afinal, todos tinham em seu íntimo alguma coisa boa; fazia parte das especificações de projeto. Seu novo plano Lhe trouxe de volta o andar animado, devolveu a cor a Seu rosto. Ela encerrou as operações no Inferno, contratou o Diabo e trouxe cada humano que restava para ficar a Seu lado no Paraíso. Recém-chegados e veteranos, abomináveis ou íntegros: no novo sistema, todos tiveram igual tempo para falar com Ela. A maioria das pessoas A achou meio loquaz e solícita demais, mas Ela não podia ser acusada de não se importar com eles.

O aspecto mais importante de seu novo sistema é que todos são tratados de igual maneira. Não há mais fogo para alguns e música de harpa para outros. A outra vida não é mais definida por catres ou colchões d'água, batatas cruas ou sushi, água quente ou champanhe. Todo mundo é irmão de todos e pela primeira vez foi concretizada uma ideia que jamais foi possível na Terra: a verdadeira igualdade.

Os comunistas ficaram confusos e irritados, porque finalmente conseguiram sua sociedade perfeita, mas só com a ajuda de uma Deusa em que não queriam acreditar. Os meritocratas estão envergonhados por terem de ficar eternamente presos a um sistema sem incentivos com um monte de comunas. Os conservadores não têm dinheiro para desmerecer; os liberais não têm oprimidos a promover.

Então, a Deusa se senta na beira de Sua cama e chora à noite, porque a única coisa com que todos conseguem concordar é que todo mundo está no Inferno.

## *Círculo de amigos*

Quando morre, você sente que houve uma mudança sutil, mas tudo parece mais ou menos igual. Você levanta e escova os dentes. Beija sua mulher e os filhos e sai para trabalhar. Há menos trânsito do que o normal. O prédio em que trabalha está menos cheio como se fosse feriado. Mas todos de sua empresa estão ali e o recebem com gentileza. Você se sente estranha - mente popular. A certa altura, ocorre-lhe que este é o Além: o mundo é composto apenas de gente que você conheceu.

E uma pequena fração da população mundial - cerca de 0,00002 por cento , mas para você parece muita coisa.

Ocorre que só estão aqui as pessoas de quem você se lembra. Então a mulher com quem você trocou um olhar no elevador pode ou não estar incluída. Sua professora da segunda série está aqui, com a maior parte da turma. Seus pais, seus primos e seu espectro de amigos ao longo dos anos. E todas as ex-amantes. Seu chefe, suas avós e a garçonete que serviu sua comida todo dia no almoço. Aquelas que você namorou, as que quase namorou, as que você desejou. É uma oportunidade abençoada a de passar um tempo agradável com suas mil ligações, renovar laços que esmaeceram, colocar-se em dia com os que você deixou escapar.

Só depois de várias semanas assim é que começa a lhe dar aflição.

Você se pergunta o que está diferente enquanto passeia com um ou dois amigos pelos vastos parques silenciosos. Nenhum estranho adorna os bancos vazios do parque. Nenhuma família desconhecida atira farelos de pão para os patos e o faz sorrir com o riso deles. Enquanto anda pela rua, você percebe que não há multidões, nenhum prédio enxameado de trabalhadores, nenhuma cidade distante alvoroçada, nenhum hospital funcionando 24 horas por dia com pacientes morrendo e médicos e enfermeiros apressados, nenhum trem uivando na noite com passageiros espremidos a caminho de casa como numa lata de sardinhas. Os estrangeiros são muito poucos.

Você começa a pensar em todas as coisas que desconhece. Nunca soube, percebe você, vulcanizar borracha para fazer um pneu. E agora aquelas fábricas estão vazias. Você nunca soube modelar um chip de silício a partir de areia da praia, lançar foguetes na atmosfera, curar azeitonas ou assentar

trilhos de trem. E agora essas indústrias estão fechadas.

As multidões ausentes o deixam solitário. Você começa a se queixar com todas as pessoas com quem pode se encontrar. Mas ninguém o escuta nem se solidariza, porque foi precisamente isto que você escolheu quando estava vivo.

## *Evolução das espécies*

No Além, você é presenteado com uma oportunidade generosa: pode escolher o que gostaria de ser na vida seguinte. Quer ser membro do sexo oposto? Nascer na realeza? Um filósofo com uma profundidade infinita? Um soldado enfrentando batalhas triunfantes?

Mas talvez você tenha acabado de vir para cá, voltando de uma vida difícil. Talvez tenha sido torturado pela enormidade das decisões e responsabilidades que o cercavam, e agora só há uma coisa pela qual anseia: a simplicidade. Isso é admissível. Assim, na próxima rodada, você escolhe ser um cavalo. Você deseja a alegria dessa vida simples: tardes pastando em campos verdejantes, os belos ângulos de seu esqueleto e a proeminência de seus músculos, a paz do rabo abanando devagar ou o vapor saindo por suas narinas enquanto você galopa por planícies cobertas de neve.

Você anuncia sua decisão. Encantamentos são proferidos, agita-se uma varinha e seu corpo começa a se metamorfosear num cavalo. Seus músculos começam a inchar; surge um tapete de pelos fortes, cobrindo-o como uma agradável manta no inverno. O espessamento e o alongamento do pescoço parecem normais assim que acontecem. Aumenta o diâmetro de suas artérias carótidas, seus dedos se curvam num casco, seus joelhos enrijecem, os quadris se fortalecem e, enquanto isso, à medida que seu crânio se estica na nova forma, o cérebro dispara por suas alterações: o córtex se retrai enquanto o cerebelo cresce, o homúnculo se dissolve de homem para cavalo, neurônios se redirecionam, sinapses se desligam e religam ao adquirir padrões equinos e seu sonho de compreender como é ser um cavalo vem galopando de longe para você. Sua preocupação com os assuntos humanos começa a lhe escapar, seu ceticismo com o comportamento humano se desagrega e até seu jeito humano de pensar começa a fugir de você.

De repente, só por um momento, você está ciente do problema que negligenciou. Quanto mais se torna um cavalo, mais se esquece do desejo original. Você se esquece de como era ser um humano perguntando-se como seria ser um cavalo.

Este momento de lucidez não dura muito. Mas serve de castigo para

seus pecados, um momento de Prometeu com suas entranhas devoradas, agachado ali, meio cavalo, meio homem, sabendo que não pode apreciar o destino sem ter conhecimento do ponto de partida; não pode se deleitar com a simplicidade se não se lembrar das alternativas.

E o pior de sua revelação não é isso. Você percebe que da próxima vez que voltar aqui, com seu cérebro grosseiro de cavalo, não terá a capacidade de pedir para ser humano de novo. Não entenderá como é ser humano. Sua decisão de descer a escada da inteligência é irreversível. E pouco antes de perder as últimas faculdades humanas, você reflete dolorosamente que magnífica criatura extraterrestre, enfeitiçada pela ideia de ter uma vida simples, escolheu na última rodada se tornar humana.

## *Giganta*

No Além, tudo é suavidade. Tudo parece projetado para a quietude e o conforto. Seus pés batem em silêncio no piso acolchoado. As paredes são almofadadas. Os ecos são amortecidos por lajotas de espuma no teto. É impossível encontrar uma superfície dura; tudo é coberto de penas.

Quando você entra no grande salão, a primeira coisa que vê é um homem alto e principesco. Tem a aparência que você esperaria de um deus, só que ele é visivelmente retraído e maculado de preocupação em torno dos olhos. Ele provavelmente explicará que é imensamente perturbado pela proliferação de armas nucleares na Terra. Dirá que costuma acordar com um suor frio ao som de explosões colossais martelando em seus ouvidos.

- Para que fique claro - diz ele a você -, eu não sou seu Deus. Na realidade, você e eu somos vizinhos galácticos; sou de um planeta associado com a estrela que vocês chamam de Terzan 4. Assim, estamos todos na mesma embrulhada.

- Que embrulhada? — você pergunta.

- Não fale tão alto, por favor - ele o adverte num tom suave. - Por um longo tempo, estivemos estudando nossos vizinhos: vocês, terráqueos, e outros 37 planetas. Desenvolvemos sistemas altamente precisos de equações para prever o futuro crescimento e as orientações sociais de seus planetas. - Aqui ele fixa os olhos em você. - Acontece que vocês, terráqueos, estão entre os menos tranquilos e menos satisfeitos. Nossas previsões indicam que suas armas de guerra se tornarão cada vez mais ruidosas. Seus programas de exploração espacial produzirão milhares de naves barulhentas que trovejarão pelos céus com sua ensurdecidora propulsão a foguetes. Vocês, terráqueos, são como seu explorador Cortez, parado no alto de um pico montanhoso, preparando-se para perturbar cada praia de toda a orla do Pacífico.

- Nós estamos numa embrulhada de expansionismo? - você deduz.

- A confusão não é esta - sibila ele. — Permita-me ilustrar o quadro maior. Você e eu, nossos planetas, nossa galáxia... Fazemos parte do que você deve pensar ser uma massa imensuravelmente viva. Pode chamá-la de Giganta, mas resumir o conceito numa palavra lhe dará a ilusão de que você

pode ter uma leve noção de sua enormidade.

“Para lhe dar uma ideia de escala, você é do tamanho de um átomo para ela. A sua Terra, crescendo com suas incontáveis camadas de espécies furiosamente fecundas, equivale a uma única proteína nas profundezas sombrias de uma só de suas células. Nossa Via

Láctea constitui uma única célula, mas pequena. Ela consiste em centenas de bilhões dessas células.

“Por milhões de anos, meu povo não teve ideia de sua existência, como é improvável que um platelminto descubra que o planeta é redondo; uma colônia de bactérias jamais conhecerá as paredes do frasco; uma única célula de sua mão não saberá que contribui para um concerto ao piano.

“Mas com o progresso da filosofia e da tecnologia, passamos a estimar nossa situação. E então, alguns milênios atrás, teorizou-se que talvez pudéssemos nos comunicar com ela. Propôs-se que talvez pudéssemos decifrar sua estrutura, distribuir sinais, influenciar seu comportamento como as moléculas infinitesimais, os hormônios, alcoóis, narcóticos, influenciam uma criatura como você.

“Assim, nós nos organizamos e nos educamos. Em vez de nos desgastarmos com os condenados ciclos ignóbeis da política local, dedicamos nossa economia e ciência à compreensão da bioquímica de escalas universais. Mapeamos metodicamente as cascatas de sinais e a anatomia estelar de seu sistema nervoso e, por fim, descobrimos como transmitir um sinal para sua consciência. Enviamos uma sequência definida de pulsos eletromagnéticos, que interagiram com magnetosferas locais, que influenciaram órbitas de asteroides, que cutucaram planetas mais próximos e mais distantes de estrelas, que ditaram o destino de formas de vida, que mudaram os gases nas atmosferas, que curvaram o caminho dos sinais de luz; tudo nas complexas cascatas de interação que desenvolvemos. Nossos cálculos nos disseram que levaria algumas centenas de anos para que a transmissão chegasse à sua consciência. Na época da Chegada, fiquei triste por estar em viagem, longe do planeta, enquanto todos estavam tão animados para ver o que aconteceria.”

Seu rosto se retorceu com as lágrimas dolorosas da lembrança.

— Mas ninguém teria imaginado o que aconteceu: choveu um grande manto de meteoros, caíram nuvens de hidrogênio incendiário e a isso se seguiu uma multiplicidade de buracos negros que tragaram impiedosamente os pedaços voláteis, a poeira e a derradeira luz. Ninguém sobreviveu.

“Com toda probabilidade, isso foi neutro para ela. Pode ter sido uma reação imunológica. Ou ela pode ter se coçado, ou espirrado, ou feito uma biópsia.

“Então descobrimos que podíamos nos comunicar com ela, mas não podíamos nos comunicar com algum sentido. Nosso porte era insuficiente. O que podemos dizer a ela? Que pergunta faremos? Como poderia ela nos transmitir uma resposta? Talvez esta *fosse* sua tentativa de responder. O que você lhe pediria que tivesse relevância para sua vida? E se ela lhe dissesse o que fosse de importância para ela, poderia você entender a resposta? Acha que teria algum sentido se você exibisse uma de suas peças shakespereanas a uma bactéria? Claro que não. O significado varia com a escala espacial. Assim, concluímos que a comunicação com ela não é impossível, simplesmente não tem sentido.

E é por isso que agora estamos nos preparando em silêncio na superfície deste planeta calado, sussurrando por uma órbita lenta, tentando não chamar a atenção para nós mesmos.

## *Mary*

Quando chega no Além, você descobre que Mary Wollstonecraft Shelley está sentada num trono. Ela recebe os cuidados de um bando de anjos e é protegida por eles.

Depois de algumas indagações, você descobre que o livro preferido de Deus é o *Frankenstein*, de Shelley. Ele se senta à noite com um exemplar surrado do livro aninhado em Suas poderosas mãos, alternadamente lendo o livro e olhando pensativo o céu noturno.

Como Victor Frankenstein, Deus Se considera um médico, um biólogo sem paralelo, e Ele tem uma relação profunda e dolorosa com qualquer história sobre a criação da vida. Ele tem muito a dizer sobre dar ânimo aos inanimados. Pouquíssimas de Suas criaturas refletiram profundamente sobre os desafios da criação, e o fato de Mary ter escrito seu livro representou certo alívio para a solidão de Sua posição.

Na primeira vez em que leu *Frankenstein*, Ele o criticou por inteiro, por ter simplificado demais o processo envolvido. Mas, quando chegou ao final, estava vencido. Pela primeira vez, alguém O entendia. Foi quando Ele a convocou e a colocou num trono.

Para entender Sua efusão de sentimentos, você deve compreender a trajetória da carreira de Deus na medicina. Deus descobriu os princípios da auto-organização experimentando com fungos e bactérias. Ele se divertiu com a beleza de Suas invenções. Depois que dominou os princípios gerais, Suas invenções se tornaram cada vez mais sofisticadas. Com talento artístico, Ele costurou os espantosos ornitorrincos, o besouro compacto, o poderoso mamute lanoso, os cardumes reluzentes de golfinhos. Suas habilidades tornaram-se afiadas e apuradas, e Seus dedos precisos moldaram - com uma precisão ambiciosa ofuscante - todos os animais nos limites de Sua vasta imaginação.

Mas um dia, inadvertidamente, Ele atravessou Seu Rubicão. Criou o Homem: Sua posse mais valiosa, Seu tesouro, orgulho, exemplo e obsessão.

Ao contrário de outros animais, que viviam cada dia como o anterior, o Homem se preocupava, procurava, ansiava, vagava, desejava e se condoía - como o próprio Deus.

Ele admirou que o Homem arasse a terra e criasse ferramentas. A

invenção de instrumentos musicais chegou aos ouvidos de Deus como uma sinfonia. Ele observou com assombro os homens se reunirem, erigirem cidades, construírem muros. Sentiu Sua alegria transformar-se em apreensão quando eles começaram a entrar em rixas e brigas. Não demorou muito para que se tornassem invasores. Guerras eram travadas enquanto Ele tentava colocar juízo naqueles que poderiam ouvi-Lo.

Ele rapidamente descobriu que tinha menos controle do que pensava. Simplesmente, eram muitos. Ele tentou fazer com que boas coisas acontecessem a boas pessoas e coisas ruins a pessoas ruins, mas não tinha a tecnologia para implementá-las. O banho de sangue aumentou e foi prolongado por assírios e babilônios; os greco-macedônios assaltaram os vizinhos; os romanos começaram a atacar violentamente até sitiarem bárbaros e godos. Bizâncio ascendeu e caiu em sangue; os chineses atormentaram e agrediram; os europeus lançaram-se uns contra os outros. As cores vivas de Sua terra estavam escurecendo com o sangue do Homem, e o que Ele podia fazer para impedir era pouco e inútil.

E em todo esse tempo, as vozes do Homem chegavam a Ele com súplicas por ajuda, solicitações por auxílio contra os outros. Ele cobria as orelhas e uivava contra os gritos de aldeias saqueadas, as orações de soldados exangues, as súplicas de Auschwitz.

E por isso que Ele agora Se tranca em Seu quarto e, à noite, escapole para o terraço com *Frankenstein*, lendo repetidas vezes como o dr. Victor Frankenstein é insultado por seu monstro impiedoso através do gelo do Ártico. E Deus Se consola com a ideia de que toda criação necessariamente termina assim: os criadores, sem poder, fugindo das coisas que forjaram.

## *O elenco*

Alguma coisa lhe ocorre quando você ouve a canção infantil: *Merrily, merrily, merrily, merrily, life is but a dream*. Você começa a desconfiar de que talvez fosse uma borboleta sonhando que era humana ou, pior ainda, um cérebro num vidro tendo visões, sons, sentindo cheiros e sabores - tudo como num sonho. E assim você esperava pela morte a fim de acordar, a fim de descobrir se estava preso a essas asas mosqueadas ou cercado por um jarro de vidro.

Mas, por acaso, você errou feio. Não é a vida que é um sonho; é a morte que é um sonho.

E, mais estranho ainda, não é o seu sonho; é o sonho de outro.

Você agora lembra que os sonhos sempre tinham seus figurantes ao fundo: as multidões no restaurante, os grupos de pessoas nos shoppings e pátios das escolas, os outros motoristas e os pedestres atravessando distraidamente a rua.

Esses participantes não vêm do nada. Nós ficamos ao fundo fazendo nossa parte, permitindo que a experiência pareça real ao sonhador. As vezes, ouvimos e prestamos atenção na trama do sonho. Com mais frequência, falamos entre nós mesmos e esperamos que nosso turno termine.

Isso não é um emprego opcional, mas um contrato: você deve o mesmo número de horas de serviço que passa sonhando em toda a sua vida. Ninguém fica muito satisfeito com esse trabalho, a não ser por alguns exatores entre nós. Toda noite, damos a eles a maioria dos papéis interativos; ficamos felizes em nos sentarmos ao fundo. Se tivermos sorte de o sonhador nos dar papéis num restaurante, teremos uma refeição gratuita. Ou, em noites menos felizes, devemos representar mascarados numa festa apavorante, ou sofredores nos círculos mais internos do Inferno, ou colegas de trabalho que têm de apontar e rir quando o astro passa sem roupa.

Para os que têm papéis interativos, as falas dos diálogos aparecem numa tela atrás do sonhador para que sejam ditas da forma mais convincente possível. A maioria de nós tem uma interpretação fraca; não somos atores experientes e temos pouco incentivo. Felizmente, os sonhadores parecem acreditar em tudo o que dizemos. Mesmo que não sejamos parecidos com

os personagens em questão, os sonhadores estão convencidos de que somos quem eles pensam e só ficam um pouquinho confusos quando interpretamos papéis de sexos diferentes.

Uma vez, muito tempo atrás, o elenco dos sonhos fez uma greve, e, por três dias, todo mundo na Terra sonhava em andar por casas vazias e atravessar ruas desertas. Interpretando isso como mau agouro, várias pessoas saltaram para a morte. Quando apareceram como novos alistados no elenco dos sonhos, suas histórias comoventes provocaram lágrimas de solidariedade nos outros, que abandonaram a greve de pronto.

Talvez assim não lhe pareça que o Além é uma espécie de castigo. Mas eu não lhe contei a pior parte.

Pela manhã, quando terminamos nossa assombração noturna nos crânios dos outros, caímos nós mesmos num sono inquieto. E quem você acha que povoa os *nossos* sonhos? Aqueles que encerraram seu tempo aqui e saíram deste mundo. Vivemos para sempre nos sonhos da geração seguinte.

O homem à sua esquerda teoriza que tudo é cíclico e que um dia voltaremos à Terra. Esse parece ser um plano multitarefa elaborado por uma deidade eficiente; é dessa maneira que não povoamos todos a Terra ao mesmo tempo.

Qual é o problema disso? Há uma mulher em meus sonhos que vejo toda noite, mas jamais a alcanço, de passagem como estamos por nossos mundos seguintes.

## *Metamorfose*

Existem três mortes. A primeira é quando o corpo deixa de funcionar. A segunda é quando o corpo é entregue ao túmulo. A terceira é este instante, em algum momento do futuro, em que seu nome é falado pela última vez.

E então você espera neste saguão até a terceira morte. Há mesas compridas com café, chá e biscoitos; você pode se servir. Há pessoas aqui de todo o mundo e, com algum esforço, você pode entabular um bate-papo social. Mas esteja ciente de que sua conversa pode ser interrompida a qualquer momento pelos Chamadores, que anunciam o nome de seu novo amigo, indicando que nunca mais ninguém na Terra terá outra lembrança dele. Seu amigo fica de ombros arriados, a cara, como um prato espatifado e colado, entristecida embora os Chamadores lhe digam gentilmente que ele vai para um lugar melhor. Ninguém sabe onde fica esse lugar melhor ou o que ele oferece, porque ninguém que saiu por esta porta voltou para contar. Tragicamente, muitas pessoas saem assim que seus entes queridos chegam, uma vez que os entes queridos são os únicos de que se lembram. Todos balançam a cabeça para esse típico senso de oportunidade.

O lugar todo parece uma infinita área de espera de aeroporto. Há muitos famosos dos livros de história. Se você ficar entediado, pode partir em qualquer direção, passando por corredores e mais corredores de cadeiras. Depois de muitos dias andando, vai começar a perceber que as pessoas parecem diferentes e vai ouvir línguas estrangeiras. As pessoas se reúnem com sua própria espécie e vê-se o surgimento espontâneo de territórios que espelham o padrão na superfície do planeta: com a exceção dos mares, você está atravessando um mapa da Terra. Não há fuso horário aqui. Ninguém dorme, embora a maioria quisesse, se pudesse dormir. O lugar é iluminado por igual por lâmpadas fluorescentes.

Nem todos ficam tristes quando os Chamadores entram na sala e gritam a lista seguinte de nomes. Ao contrário, algumas pessoas suplicam, imploram, prostrando-se aos pés dos Chamadores. Em geral, é o pessoal que ficou aqui por muito tempo, por tempo demais, em especial aqueles que são lembrados por motivos injustos. Por exemplo, considere o agricultor ali, que se afogou num rio duzentos anos atrás. Agora a fazenda dele é sede de uma pequena faculdade e os guias turísticos contam a história dele toda

semana. Então, ele está preso e infeliz. Quanto mais a história é contada, mais os detalhes se desgarram. Ele está completamente alienado de seu nome; não é mais idêntico a ele, mas continua ali, grudado. A mulher desconsolada do outro lado é elogiada como uma santa embora os caminhos para seu coração tenham sido tortuosos. O homem de cabelos grisalhos na máquina automática foi celebrado como um herói de guerra, depois demonizado como um déspota e, por fim, canonizado como um incendiário necessário entre dois momentos da história. Ele espera, com o coração condoído, que suas estátuas caiam. E esta é a maldição desta sala: como vivemos na mente daqueles que se lembram de nós, perdemos o controle de nossa vida e nos tornamos quem eles querem que sejamos.

## *Perdidos*

Falta um norte no debate sobre o sexo de Deus. O que chamamos de Deus na verdade é um casal. Quando eles decidiram criar os humanos à sua própria imagem, chegaram a um consenso e produziram números aproximadamente iguais dos dois sexos.

Cada mulher que Ela cria está perto de Seu coração. Ela se torna a mulher por um momento enquanto lhe dá forma e, dessa maneira, pode testar diferentes alturas e pesos, profundidades emocionais e QIs, tons de pele e cor dos olhos. O mesmo é válido para todo homem moldado por Ele. Em certas noites, quando estão se sentindo liberais, cada um cria um membro do sexo oposto só para ver como fica.

Quando morre, você vai viver na grande casa deles e desfruta com eles de uma relação pai-filho. Todo humano no mundo é um filho deles e eles se dedicam tremendamente a suas habilidades de educação.

É comovente ver que eles aprendem conosco da mesma maneira que todos os pais aprendem com os filhos. Por exemplo, eles não sabem expressar o funcionamento de seu universo com equações, então ficam muito impressionados com as ideias de seus filhos físicos, que, pela primeira vez, lhes verbalizam com clareza o que eles forjaram.

Por outro lado, seria enganoso dizer a você que esta é sempre uma família feliz, porque houve uma época em que isso não era verdade. O casamento deles foi arranjado e com o passar dos milênios eles ficaram cada vez mais infelizes com a companhia do outro. Mas pela observação atenta de seus humanos ao longo dos anos, eles aprenderam que às vezes os casais não dão certo, as pessoas se separam, cometem adultério, divorciam-se - e nada disso é tão terrível que o universo desabe. E assim, como todos os pais aprendem com os filhos, eles se separaram.

Houve muitos atos de amargura. Eles se provocavam com acusações injustas, usando informações tão pessoais que não deviam ter sido ventiladas. Magoada, numa ideia de vingança rápida, Ela criou um planeta só de mulheres. Cercou a fila de planetas Dele com uma faixa de mulheres em meteoros. Os dois armaram os novos humanos para a batalha, mulheres contra homens. Os dois lados receberam armas que iam do sarcasmo aos tanques.

Mas aconteceu uma coisa estranha. Os planetas e meteoros ficaram em silêncio. As órbitas se arrastavam como sussurros lentos pelo espaço vazio. Não houve nenhuma batalha; nem um tiro foi disparado.

Examinando mais atentamente, eles descobriram que os habitantes monossexuais eram infelizes, esmagados como existencialistas sob uma sensação da ausência de algo terrivelmente importante, algo que eles não conseguiam situar.

Por fim, Ela baixou as mãos dos quadris e Ele fez o mesmo. Ela disse as primeiras palavras ternas em meses, perguntando se Ele estava com fome. Ele respondeu oferecendo-Se para cozinhar alguma coisa para os dois. Os planetas de homens e mulheres vagaram para mais perto e a raça recomeçou, com suas buscas, seduções, decisões, competições, tentações, discussões e um grande suspiro cósmico de alívio quando todos se sentiram emancipados nos braços dos parceiros.

## *Espirais*

No Além, você descobre que seus Criadores são uns seres baixinhos, estúpidos e obtusos. Eles parecem vagamente humanos, mas são mais baixos e mais embrutecidos. São singularmente pouco inteligentes. Eles franzem a testa quando tentam acompanhar o que você diz. Será útil se você falar devagar e, às vezes, é bom desenhar imagens. A certa altura, seus olhos se fixarão e eles assentirão como se o entendessem, mas terão perdido inteiramente o fio da meada.

Uma advertência: quando você despertar no Além, estará cercado dessas criaturas. Eles estarão se acotovelando em volta de você, bisbilhotando, gritando para conseguir vê-lo e todos estarão perguntando a mesma coisa: *Você tem as respostas? Você tem as respostas?*

Você provavelmente lhes perguntará do que estão falando. Eles vão franzir a testa, analisando suas palavras como um provérbio misterioso. Depois repetirão timidamente: *Você tem as respostas?*

*Mas onde é que estou?*, você pode perguntar.

Um escriba assinala fielmente cada palavra sua para registro futuro. Criaturas mãe e filha, aos pares, olham para você, esperançosamente, de plataformas de observação.

Para entender onde você está, será bom ter alguma informação.

A certa altura do desenvolvimento da sociedade deles, essas criaturas começaram a se perguntar: *Por que estamos aqui? Qual é o propósito de nossa existência?* Essas se mostraram perguntas muito complicadas de responder. Tão complicadas que, em vez de atacar diretamente as perguntas, eles concluíram que seria mais fácil construir máquinas de supercomputação dedicadas a encontrar as respostas. Então, investiram o trabalho de dezenas de gerações em sua engenharia. Nós somos as máquinas deles.

Essa parecia uma estratégia inteligente aos anciãos de sua comunidade. Porém, eles deixaram um problema de lado: para construir uma máquina mais inteligente do que você, é preciso que ela seja mais complexa do que você - e a capacidade de entender a máquina começa a lhe escapar.

Quando você se esgota e para de funcionar, seu software é recarregado no laboratório deles para que possam sondá-lo. E neste momento que você

desperta. E assim que produz seu primeiro som, eles se reúnem em volta de você para saber de uma coisa: *Você tem as respostas?*

Eles não percebem que quando nos largaram em nosso território, não perdemos tempo: construímos sociedades, estradas, romances, catapultas, telescópios, rifles e toda sorte de nossas próprias máquinas. Eles têm dificuldade para detectar nosso progresso e, mais ainda, para compreendê-lo porque simplesmente não conseguem acompanhar a complexidade. Quando você tenta lhes explicar o que aconteceu, eles não conseguem acompanhar sua fala rápida e insondável, então começam a assentir estupidamente. Isso os deixa tristes e os mais perspicazes dentre essas criaturas, às vezes, podem ser vistos chorando pelos cantos porque eles sabem que seu projeto fracassou. Acreditam que deduzimos as respostas, mas somos avançados demais para transmiti-las ao nível deles.

Eles não imaginam que não temos respostas. Eles não imaginam que nossa maior prioridade é responder às mesmas perguntas. Não imaginam que somos incapazes e que construímos máquinas de sofisticação crescente para tentar resolver nossos próprios mistérios. Você tenta explicar isso às criaturas, mas é inútil: não só porque eles não o compreendem, mas também porque você se dá conta de que você mesmo não é capaz de entender nossas máquinas.

## *Escalas*

Por algum tempo, nós nos preocupamos com um afastamento de Deus, mas nossos temores se apaziguaram quando os profetas revelaram uma nova compreensão: somos órgãos de Deus, Seus olhos e dedos, os meios pelos quais Ele explora Seu mundo. Todos nos sentimos melhor com esse profundo senso de conexão — somos uma parte da biologia de Deus.

Mas aos poucos foi ficando claro que temos menos a ver com Seus órgãos dos sentidos e mais com Seus órgãos internos. Os ateus e os teístas concordaram que Ele só vive através de nós. Quando O abandonamos, Ele morre. No início, ficamos honrados por sermos as células que formam o corpo de Deus, mas depois ficou mais claro que éramos o Seu câncer.

Ele perdeu o controle das pequenas partes que O constituem. Estamos nos dividindo e multiplicando. Deus e Seus médicos tentaram estancar o crescimento enquanto brotam tumores que O fazem respirar com dificuldade e colocam em risco Sua circulação. Mas somos fortes demais. Que lancem tempestades, terremotos e pestilência em nossa esteira; nós nos espalhamos, reagrupamo-nos e planejamos melhor. Adquirimos resistência e continuamos nos dividindo.

Ele por fim fez as pazes com isto e Se deita tranquilamente em Sua cama na convergência de corredores verdes e assépticos.

Às vezes, Ele se pergunta se fazemos isso de propósito. Será que Seus amados súditos ansiaram por conhecer Seu corpo, já que cresceram em metástases por toda Sua grandeza por meio de Seu sistema arterial? Ele não desconfia de que somos inocentes nessa jornada.

E então Ele começa a perceber uma coisa. Embora não possa nos deter nem nos ferir, há uma coisa que pode fazer. Ele nos observa nos voltando para escalas cada vez menores a fim de combater nossas próprias leucemias, linfomas, sarcomas, melanomas. Ele testemunha Seus súditos banhando-se em quimioterapia, aquecendo-se no brilho da terapia de radiação. Ele vê Seus humanos despreocupadamente ruminando sobre os trilhões de células que os constituem.

E Deus, de repente, salta em Sua cama com uma revelação: tudo o que se cria nas costas de escalas menores será consumido pelas mesmas escalas.

## *Adesão*

Somos o produto de grandes seres que vivem em asteroides e chamam a si mesmos de os Coletores. Os Coletores fazem bilhões de experimentos sobre as escalas de tempo de universos, refinando sutilmente os parâmetros galáticos aqui e ali, tornando explosões maiores e menores, sintonizando um tantinho de cada vez as constantes físicas fundamentais. Eles estão continuamente fazendo pontas em lápis e semicerrando os olhos em telescópios. Quando resolvem um problema que antes lhes era misterioso, os Coletores destroem esse universo e reciclam o material em seu experimento seguinte.

Nossa vida na Terra representa um experimento em que eles tentam entender o que faz as pessoas se unirem. Por que alguns relacionamentos dão certo enquanto outros fracassam? Isso é um mistério completo para eles. Quando não conseguiram ver um padrão, seus teóricos propuseram esse problema como uma questão interessante a ser explorada. E assim nasceu nosso universo.

Os Coletores construíram seres vivos de experimentos paramétricos: homens e mulheres que aderem bem, mas esbarram no outro muito brevemente — roçando-se numa biblioteca, passando pela escada de um ônibus urbano, admirados só por um momento.

E os Coletores precisavam entender o que homens e mulheres fazem com o ímpeto de seus planos de vida individuais quando, na pressa e no fulgor das massas, são unidos enquanto seguem por direções contrárias. Será que podem subverter o ímpeto de decisões e planos? Os Coletores fizeram ponta nos lápis em seus asteroides e estudaram com atenção.

Pesquisaram homens e mulheres que não aderiam naturalmente, mas ficavam juntos devido às circunstâncias. Aqueles pressionados a se unir por obrigação. Aqueles que aprenderam a ser felizes numa adesão forçada. Aqueles que não conseguem viver sem adesão e os que fogem dela; os que não precisam dela e aqueles que a sabotam; os que encontram adesão quando menos esperam por ela.

Quando morre, você é colocado diante de um painel de Coletores. Eles o interrogam e se esforçam para entender suas motivações. Por que você decidiu romper com *este* relacionamento? O que você gostava *naquele*

relacionamento? Qual era o problema com fulana, que parecia ter tudo o que você queria? Depois de tentar e não conseguir entendê-lo, eles o mandam de volta para ver se outra rodada de experimentos pode deixar as coisas mais claras.

É por esse motivo que nosso universo ainda existe. Os Coletores já passaram do prazo e estouraram o orçamento, mas têm muita dificuldade para concluir esse estudo. Estão hipnotizados; nem o mais inteligente entre eles consegue quantificá-lo.

## *Angústia*

Como humanos, passamos nosso tempo procurando por grandes experiências que tenham sentido. Assim, o Além pode surpreendê-lo quando seu corpo se esgotar. Nós voltamos a nos expandir ao que realmente somos - isto é, enormes pelos padrões da Terra. Ficamos com dez mil quilômetros de altura em cada uma das nove dimensões e vivemos com outros semelhantes a nós numa comunidade celeste. Quando despertamos novamente em nossos verdadeiros corpos, começamos a perceber de imediato que nossos colegas gargantuescos sofrem de uma angústia profunda.

Nosso trabalho é a manutenção e a sustentação do cosmos. O colapso universal é iminente e criamos buracos de minhoca para agir como suporte estrutural. Trabalhamos incansavelmente à beira do desastre cósmico. Se não executarmos nossas tarefas de forma impecável, o universo voltará a entrar em colapso. Nosso trabalho é complexo, intricado e importante.

Depois de três séculos nessa labuta, temos a opção de tirar umas férias. Todos escolhemos o mesmo destino: nós nos projetamos em criaturas de dimensões inferiores. Projetamo-nos nos mínimos e delicados corpos tridimensionais que chamamos de humanos e nascemos no resort que chamamos de Terra. A ideia, nestas férias, é capturar pequenas experiências na Terra, só nos importando com o que nos está próximo. Vemos filmes de comédia. Bebemos álcool e desfrutamos de música. Formamos relacionamentos, brigamos, rompemos e recomeçamos. Quando estamos num corpo humano, não ligamos para o colapso universal - muito ao contrário, só ligamos para um encontro dos olhos, um vislumbre de pele, os tons acariciantes de uma voz amada, a alegria, o amor, a luz, a orientação de uma planta baixa, o tom de um golpe de tinta, a disposição do cabelo.

São boas as férias que temos na Terra, repletas de nossos pequenos dramas e rebuliços. O relaxamento mental é indizivelmente precioso para nós. E quando somos obrigados a sair pelo esgotamento de nossos delicados corpos, não é incomum que sejamos vistos prostrados na brisa dos ventos solares, as ferramentas na mão, olhando o cosmo, lacrimosos, procurando pelo que não tem sentido nenhum.

## Oz

No princípio do Além, você encontra um pergaminho que informa, no garrancho de um antigo escriba, que você agora tem a oportunidade de conhecer o Criador do universo — mas só se estiver entre os mais corajosos. Você se pergunta que magnitude de criador pode exigir tanta bravura para estar em Sua presença. Você imagina uma face mais larga do que a órbita da Lua, uma voz mais alta do que cem explosões do Vesúvio e começa a desconfiar de que sua imaginação limitada é inadequada para a experiência numinosa que lhe está reservada.

Você ouve uma voz de trovão ao longe e suas pernas começam a tremer. Você olha para dentro de si: *Serei corajoso o bastante para lidar com isso?*

Uma grande jornada o espera. Pelo caminho, você encara medos e os sobrepuja, identifica torrentes de dúvida pessoal e as atravessa, discerne os picos de sua arrogância e desce deles, localiza as nuvens de autopiedade que pairam acima de você e sai de sua sombra. Quando a estrada termina, você está com uma confiança renovada — preparado, segundo acredita, para conhecer seu criador, cara a cara, perceber um vislumbre do mentor que elaborou habilidosamente a obra-prima.

Você se aproxima da porta de um grande castelo. Mesmo agora, a voz de trovão pairando sobre a paisagem o leva a se perguntar: *Estarei entre os mais corajosos? Tenho o que é necessário?* Você atira o peso do corpo na porta, entra num grande saguão e segue por um corredor até um salão.

E ali você vê a face. Na verdade, é maior do que a órbita da Lua. É uma visão que está além das penas de poetas líricos. E o oceano em seu poder apavorante e graça rítmica. E a face que parece seu pai e parece sua mãe; domina o conhecimento de mil eruditos, a empática de mil amantes, o mistério de mil estranhos.

É uma face que faz a jornada valer a pena. É uma face digna do mestre do universo.

Você vibra e treme, hipnotizado, você em seu êxtase boquiaberto.

A voz vulcânica troveja, soprando seu cabelo para trás.

-Você é corajoso?

- Sim — você gagueja. — E por isso que estou aqui.

Os vales dos lábios se curvam um pouco como se rissem.

Depois você ouve um zumbido elétrico. A face fica ondulada de linhas horizontais e desaparece num clarão de fósforo.

Nada resta no grande espaço a não ser uma pequena cortina amarela onde estava a face. A cortina é puxada. A mão enrugada empurra os óculos no rosto de um homenzinho enrugado. Ele tem gota, treme quando em repouso e tem um frasco cheio de comprimidos coloridos. Ele é recurvado. É corcunda e careca. Vocês se olham.

Ele diz:

- Não é o corajoso que pode lidar com a grande face, é o corajoso que pode lidar com a sua ausência.

## *Grandes expectativas*

Como consequência afortunada de uma sociedade capitalista de livre mercado, finalmente podemos determinar nosso próprio Além. Foi privatizado e informatizado. Por um preço razoável, você pode descarregar sua consciência num computador e viver para sempre num mundo virtual. Dessa maneira, você pode esbravejar contra a extinção da luz escolhendo um Além que seja acelerado, furioso e apimentado - a cristalização de suas fantasias. Você pode predefinir as amantes, maximizar seu apelo sexual, zunir por cidades movidas a eletricidade num dos dez Porsches que tem à sua escolha. Você consegue músculos mais firmes, uma aparência perfeita e uma barriga achatada de tanquinho. Inumeráveis virgens esperam animadas por sua chegada. Celulares e *jet packs* são o padrão. Festas crepitantes acontecem 24 horas por dia.

Não é de surpreender que todos façam fila para este Além de vanguarda. Em vez de virar forragem de vermes, é muito melhor escolher o momento de sua própria morte e eleger o mais requintado de todos os aléms possíveis. Os únicos que não se cadastram são os poucos religiosos que afirmam estar esperando por seu Paraíso, imaginando que verão a si mesmos numa espécie de Além bíblico. A Corporação, tendo há muito tempo superado o conceito de Deus, tenta explicar a essas pessoas que suas fantasias desgraçam suas realidades disponíveis. Os religiosos argumentam então que o maior dom de Deus a eles é a capacidade de ver além do que os olhos podem enxergar e ter fé em alguma coisa maior. Isso não é um dom, é uma armadilha, replica a Corporação. É como poder ter uma amante maravilhosa, mas desejar uma estrela de cinema inatingível. Os religiosos não se cadastram e por fim resvalam numa morte neutra em um solitário leito hospitalar.

Para o resto de nós, a transição para o Além virtual é indolor: quando chega seu momento pré-programado, você entra numa sala e se reclina numa cadeira vermelha de dentista. A enfermeira da Corporação lhe garante que será como se você tivesse fechado os olhos em seu escritório e sem demora os abraça em seu glorioso Além virtual. Um técnico aperta um botão e você é pulverizado por um feixe de laser. Uma cópia da estrutura tridimensional de seu cérebro é recriada em séries de zero e um num

aglomerado de processadores hiperentrelaçados.

Só há um porém: os neurocientistas e engenheiros que desenvolveram esse procedimento não têm como *provar* que funciona. Afinal, o pulverizado não tem como contar o que aconteceu. Mas, em geral, concorda-se que nada pode dar errado com o download: todas as nossas teorias físicas preveem que a reconstrução de uma réplica exata do cérebro reproduzirá exatamente a sensação de ser da pessoa. Então todos pressupõem que funciona. Infelizmente, *não* funciona. Seu fracasso não se deve a engenheiros incompetentes ou homens de negócios inescrupulosos, mas tem origem em uma incompreensão do esquema cósmico. Sua essência não pode ser descarregada porque sua essência (que a Corporação não acredita que exista como entidade independente) desapareceu no Paraíso. Apesar de sua empolgação com seu Além escolhido, Deus existe e teve muitos problemas e despesas para construir um Além para nós. Então você desperta em nuvens macias, cercado de anjos tocando lira, vendo-se enfaixado numa toga branca.

O problema é que não era isso que você queria. Você pagou caro por um Além de carros velozes, carisma, bebedeiras e sexo. Este Paraíso, por comparação, parece irremediavelmente inadequado e chocho. Você está usando um lençol branco que veste muito mal em vez de um *jet pack* antigravidade. Colunas brancas intermináveis substituem a paisagem urbana elétrica. Há maná e leite no bufê, e não sushi e saquê. A música das liras é enlouquecedora de tão lenta. E você ainda é pouco atraente como sempre foi. Não há nada para fazer aqui. Os gordos à sua esquerda estão jogando bridge.

Toda essa recente decepção colocou Deus numa situação embaraçosa. Ele, hoje em dia, passa grande parte de seu tempo tentando confortar Seus súditos espalhados pelas nuvens. “Suas fantasias desgraçaram suas realidades”, explica Ele, torcendo as mãos. “A Corporação não lhe deu provas de que funcionaria; por que acreditou nela?” Embora Ele não diga, todo mundo sabe o que está pensando quando Se retira para sua cama à noite: que um de Seus melhores dons — a capacidade de ter fé em um Além invisível - saiu pela culatra.

## *Espelhos*

Quando você pensa que morreu, na verdade não morreu. A morte é um processo em duas etapas e o lugar em que você acorda depois de seu último suspiro é um tanto parecido com um Purgatório: você não se sente morto, não parece morto e, na realidade, não está morto. Por enquanto.

Talvez você tenha pensado que o Além seria algo como uma luz branca e suave, ou um mar cintilante, ou flutuar em música. Mas o Além é mais semelhante à sensação de se levantar rápido demais: por um momento de confusão, você se esquece de quem é, onde está, todos os detalhes pessoais de sua vida. E só fica mais estranho a partir daí.

Primeiro, tudo escurece de uma forma ofuscante de tanto brilho e você sente um suave despojamento de suas inibições e um enfraquecimento de sua capacidade de fazer alguma coisa a respeito disso. Você começa a perder seu ego, que é intrinsecamente relacionado com a inspiração de seu orgulho. E depois você perde suas lembranças autocentradas.

Você está perdendo você, mas não parece se importar.

Agora só lhe resta um pouquinho de você, a sua essência: a consciência nua, despida como um bebê.

Para entender o significado deste Além, você deve se lembrar de que todos são multifacetados. E uma vez que sempre viveu em sua própria mente, você via muito melhor a verdade sobre os outros do que de si mesmo. Então você passou pela vida com a ajuda dos outros, que seguraram espelhos para você. As pessoas elogiavam suas virtudes e criticavam seus maus hábitos, e essas perspectivas - em geral surpreendentes para você - ajudaram-no a guiar sua vida. Você sabia tão pouco de si que sempre se surpreendia ao ver como ficava em fotografias ou quando ouvia sua voz na secretária eletrônica.

Dessa maneira, grande parte de sua existência aconteceu nos olhos, ouvidos e ponta dos dedos dos outros. E agora que saiu da Terra, você está guardado em mentes dispersas por todo o globo.

Aqui, neste Purgatório, são reunidas todas as pessoas com quem você teve contato. Os fragmentos dispersos de você são congregados, concentrados e unificados. Os espelhos são erguidos na sua frente. Sem a vantagem do filtro, você se vê com clareza pela primeira vez. E é isso que

enfim o mata.

## *Eternidade*

Se você despertar e se vir neste subúrbio, saberá que era um pecador. Não que as acomodações não sejam boas: aqui há televisores com muitas emissoras à sua escolha. Você tem vizinhos dos dois lados, com quem interage de vez em quando. Há estantes transbordando de livros que contam aventuras boas, mas implausíveis. As crianças aqui são mandadas à escola e os adultos saem para trabalhar. As carreiras são tranquilas e as lojas são baratas.

Você é informado de que isto se chama o Paraíso. Aqui, vivemos perto de Deus. A única parte misteriosa é que não está aqui nenhuma das pessoas boas que você conheceu — os samaritanos, os santos, os generosos, os altruístas, os desinteressados, os filantropos. Você pergunta se eles foram enviados a um lugar melhor, a um Superparaíso, mas descobre que essas boas pessoas estão apodrecendo em caixões, viraram comida de vermes. Só os pecadores desfrutam da vida depois da morte.

Muitas teorias vêm tentando explicar por que Deus organizaria as coisas desse jeito. Todos têm uma hipótese e esse é um tema habitual de discussão nos churrascos. Por que somos os recompensados com uma vida depois da morte? Parece claro que Deus não gosta muito dos habitantes daqui; Ele raras vezes nos visita. Mas Ele quer ter certeza de nos manter vivos.

A mulher da lanchonete insiste que ele mantenha os maus por perto como os romanos mantinham os gladiadores: a certa altura, vamos combater até a morte para a diversão Dele. Seu vizinho de frente teoriza que estamos sendo armazenados para travar uma guerra contra outro Deus num universo vizinho e só os pecadores dão soldados úteis.

Mas ambos estão errados. Na verdade, Deus tem uma vida muito parecida com a nossa - fomos criados não só à Sua imagem, mas também em Sua situação social. Deus passa a maior parte do tempo procurando a felicidade. Ele lê livros, esforça-Se para Se aperfeiçoar, procura atividades para afugentar o tédio, tenta manter contato com amigos que desbotam, perguntando-Se se há alguma coisa que deveria estar fazendo de Seu tempo. Com o passar dos milênios, Deus foi ficando amargurado. Nada Lhe dá uma satisfação constante. O tempo O tragou. Ele inveja o homem e sua breve

centelha de vida, e aqueles de quem não gosta são condenados a sofrer a imortalidade com Ele.

## *O inatural*

Quando você chega ao Além, os Técnicos o informam da grande oportunidade que o aguarda: fazer a mudança que quiser, depois viver a vida de novo. Seu folheto sugere que você pode fazer a si mesmo cinco centímetros mais alto, ou dar a todos na Terra um senso de humor melhor, ou fazer os passarinhos falarem. Você então tem que reprisar essa decisão na Terra para ver que acontece. Eles o informam orgulhosamente de que esse é um programa de educação experimental único.

Tendo acabado de comparecer ao próprio enterro, você pode ficar tentado a propor uma opção inteligente: quer ser um dos que erradicam completamente a morte em seu planeta.

Mas esteja avisado: se propuser isso, um Técnico gentil o puxará de lado para lhe dizer que você tentou esse caminho antes em suas várias reprises de vida e inevitavelmente foi levado à frustração.

- Está me dizendo isso porque pode perder seu emprego? — você pergunta.

- Não — responde o Técnico.

- E porque a morte é incurável? — você pergunta.

- Não - diz o Técnico.

- Neste caso, gostaria de ter meu desejo atendido.

- Como quiser - responde o Técnico.

E assim, em sua nova vida você se torna um médico famoso e visionário. Você argumenta que não existe o que se chama de morte natural e levanta milhões para financiar sua pesquisa. Programa computadores para calcular todas as mutações virais possíveis antes que aconteçam e projeta tratamentos profiláticos contra elas. Computa os efeitos exatos de cada medicamento nos ciclos normais do corpo. Seu agressivo programa antimorte é um sucesso: depois do último suspiro de uma idosa com uma doença incurável, você pode anunciar que o falecimento da idosa representa a última morte natural. Seguem-se grandes comemorações. As pessoas começam a viver para sempre, curando-se como fariam quando eram

jovens, livres enfim da nuvem da mortalidade. Você é muito admirado.

Mas um dia, como avisou o Técnico, seu sucesso começa a perder o brilho. As pessoas descobrem que o fim da morte é a morte da motivação. Vida demais, pelo que se vê, é o ópio das massas. Há um declínio visível nas realizações. As pessoas tiram mais cochilos. Não há muita pressa.

Numa tentativa de recuperar sua antiga vida dinâmica, as pessoas começam a marcar datas de suicídio. É um eco bem-vindo dos velhos tempos de expectativa de vida finita, porém melhor do que isso, devido à oportunidade de se despedir e concluir o planejamento de sua herança. Isso funciona bem por algum tempo, reacendendo o incentivo para viver intensamente. Mas um dia as pessoas começam a levar o sistema com uma seriedade cada vez menor e, se acontecem algumas novidades importantes como um novo relacionamento, elas simplesmente adiam a data do suicídio. Crescem quadros inteiros de procrastinadores. Quando remarcam a data, outros os ridicularizam, chamando sua atitude de ameaça de morte. Desenvolve-se uma enorme pressão social para seguir com os suicídios. A longo prazo, depois de muitos abusos ao sistema, legisla-se que não pode haver mudanças na data marcada para a morte.

Mas, por fim, passa-se a pensar que não apenas a finitude da vida, mas também o *timing* surpreendente da morte é fundamental para a motivação. Então as pessoas começam a estabelecer intervalos de tempo para as datas da morte. Nesse novo contexto, seus amigos lhe dão festas surpresa — como festas de aniversário —, só que eles saltam detrás do sofá para matá-lo. Como você nunca sabe quando seus amigos vão marcar a festa, restaure-se a atitude *carpe diem* do passado. Infelizmente, as pessoas começam a abusar do sistema de festa surpresa para extinguir seus inimigos sob a proteção da necrolegislação.

No final, grandes massas de desordeiros invadem seu complexo médico, chutam as tomadas dos computadores e mais uma vez fazem uma grande comemoração para marcar o fim da última vida inatural, e você termina voltando à sala de espera dos Técnicos.

## *Distância*

No Além, você se vê numa bela terra da promessa: não existe pobreza, fome ou guerra, só colinas ondulantes, anjos liliputianos e música evocativa. Você descobre que pode fazer perguntas a seu Criador.

Você é levado cerimoniosamente pelas arcadas cintilantes do palácio até um salão, onde seu Criador está sentado num trono em luzes que lhe doem nos olhos. Você não consegue olhar diretamente para Ele.

Mas você se posta corajosamente diante Dele e pergunta:

- Por que mora num lugar assim, tão longe da Terra, em vez de viver nas trincheiras conosco?

Ele faz uma pausa depois da pergunta. Claramente, ninguém o indaga isso há muito tempo. É difícil saber na luz forte, mas parece que seus olhos gentis ficam lacrimosos.

Ele olha tristonho o céu.

- Por algum tempo, eu *morei* na Terra — responde Ele. — Nunca fui de extravagâncias, mas tive várias casas em vários países. Todos os meus vizinhos sabiam quando eu estava lá e acenavam. Eu era benquisto.

“Eu podia administrar bem as coisas daquele posto de observação, nas trincheiras como disse, e desfrutava de cada hectare de minha criação andando por lá, sentindo o cheiro, sentindo a terra entre meus dedos, vivendo nele.

“Mas um dia cheguei a uma de minhas casas e descobri que todas as janelas haviam sido quebradas.”

Ele estremece com a lembrança.

- Depois aconteceu o mesmo a uma segunda casa. Não sei quem fez isso, ou que motivos tinha, mas me ocorreu que desmoronava o respeito que antes eu inculcia. As pessoas começaram a me dar fechadas no trânsito. Numa manhã, acordei e encontrei gente fazendo protestos na frente de minha garagem.

Ele se silencia, os olhos baços, contemplativo.

Você dá um pigarro.

- Foi quando decidiu vir para cá?

- Vim para cá pelo mesmo motivo que os médicos usam jalecos brancos e longos como uniforme — responde Ele. - Não fazem isso por eles mesmos, mas por vocês.

## *Rédeas*

Primeiro você percebe que há muitos disparates: os bons vão para o Inferno e os maus, para o Paraíso. Quando você se aproxima da mulher na recepção para perguntar, descobre que ela é teimosa e insolente. Ela lhe diz para entrar na fila número sete, onde você preencherá um formulário de reclamações e o entregará na mesa número 32. Enquanto você espera na fila e entabula conversa com uma mulher atrás, descobre que há muito tempo o Além foi entregue a comitês.

Acontece que o poder foi arrancado de Deus quase no início quando Ele começou a perder o controle da carga de trabalho. Os humanos começaram a fazer o que queriam; o adultério prosperou, o crime se materializou e aumentou. Deus percebeu que não tinha noção das habilidades necessárias para administrar uma organização dessa magnitude. Devido à procriação excessiva de Seus humanos, a população duplicava a uma taxa vertiginosa e a carga gerencial para um Além tornou-se desconcertante. Era preciso manter um arquivo para cada indivíduo de todo o planeta com atualizações constantes de novos pecados e boas ações. Deus tentou cuidar de tudo isso sozinho, pressionando o lápis tão rápido que saía fumaça dele. O trabalho aumentava pelo fato de que Deus, em Sua magnanimidade, também criara um Além agradável para cada animal. Ele se exauria, mas declarou resolutamente que não degradaria Suas promessas da vida depois da morte. Não abandonaria um único bebê, um só animal, um inseto que fosse. Não faria um *downsizing*. Tinha feito Suas promessas e pretendia cumpri-las.

Os anjos que apoiavam Deus no início O viam com preocupação enquanto parecia que toda a operação podia sair de Seu controle. Começaram a lançar as sementes da discórdia, introduzindo a ideia de que Deus nunca teria chegado onde estava sem eles. À medida que o sistema tornava-se cada vez mais desorganizado, eles traçavam planos para sua ascensão à autoridade. Os humanos inventavam tecnologias melhores e os anjos progressivamente tiravam proveito delas para automatizar o processo. Na década de 1970, repassavam incontáveis pilhas de cartões perfurados; nos anos 1990, reduziram a operação a um depósito de computadores; na virada do milênio, tinham construído uma intranet sofisticada pela qual podiam acompanhar em tempo real a disposição de todas as almas. Deus

criou fama de antiquado e as rédeas do poder ficaram cada vez mais escorregadias em Suas mãos inquietas.

Agora, muito poucas pessoas O visitavam. Ele Se viu solitário e incompreendido. Em geral, convidava homens como Martin Luther King, Jr. e Mahatma Gandhi, e juntos ficavam sentados na varanda tomando chá e lamentando os movimentos que arrasaram a autoridade de seus fundadores.

## *Micróbio*

Não existe Além para nós. Nossos corpos se decompõem depois da morte e depois as hordas de micróbios que vivem dentro de nós se mudam para lugares melhores. Isso pode levá-lo a supor que Deus não existe - mas você estaria enganado. Ele simplesmente não sabe que *nós* existimos. Não tem consciência de nós porque estamos na escala espacial errada. Deus é do tamanho de uma bactéria. Não é uma coisa externa e superior a nós, mas está na superfície e dentro de nossas células.

Deus criou a vida à Sua própria imagem; Suas congregações são os micróbios. A guerra crônica por território de hospedeiro, a política de simbiose e infecção, a ascendência de cepas: isso é o tabuleiro de xadrez de Deus, onde os bons entram em embates com os maus no campo de batalha de proteínas de superfície, imunidade e resistência.

Nossa presença neste quadro é uma anomalia. Como nós — o pano de fundo em que eles vivem — não prejudicamos os padrões de vida dos micróbios, não somos percebidos. Nem somos selecionados pela evolução, nem capturados pelo radar microdivino. Deus e Seus fiéis microbianos não têm consciência da rica vida social que desenvolvemos, de nossas cidades, circos e guerras - não têm consciência de nosso nível de interação como temos do deles. Mesmo enquanto nos ajoelhamos e rezamos, só os micróbios é que estão competindo pela punição ou recompensa eternas. Nossa morte não é digna de nota e não é notada pelos micróbios, que apenas se redistribuem por diferentes fontes de alimento. Assim, embora nos consideremos no apogeu da evolução, somos apenas o substrato nutritivo.

Mas não se desespere. Temos grande poder para mudar o rumo do mundo deles. Imagine que você escolha comer num determinado restaurante, onde inadvertidamente passa um micróbio de seus dedos, pelo saleiro, à pessoa seguinte sentada à mesa, que por acaso embarca num voo internacional e transporta o micróbio para a Tunísia. Para os micróbios, que perderam um familiar, o universo funciona de maneiras perturbadoras e, em geral, cruéis. Eles procuram as respostas em Deus. Deus atribui esses acontecimentos às flutuações estatísticas sobre as quais não tem controle e que Ele não entende.

## *Ausência*

O Paraíso parecia mais ou menos como as pessoas disseram que era: grandes jardins de flora e fauna, anjos com harpas, clima de San Diego. Mas, quando você chegou, ficou surpreso ao ver que tudo estava dilapidado. Os jardins estavam cobertos de mato. Os anjos eram esqueléticos, sentados em mantas com copinhos de papel para coletar moedas na frente das harpas amassadas. Eles tilintam uma cançoneta enquanto você passa. O dia era quente, mas o céu era cinzento de névoa poluída.

Deus foi embora. Rezam os boatos que Ele se mandou há muito tempo, dizendo que iria voltar logo.

Algumas pessoas teorizam que Deus jamais pretendia voltar. Outros dizem que Deus enlouqueceu; outros ainda afirmam que Ele nos ama, mas Se distraiu gerando universos novos. Alguns dizem que Ele ficou irritado, outros que Ele contraiu Alzheimer. Alguns teorizam que Ele está numa sesta, outros, numa festa. Alguns dizem que Deus não Se importa; outros dizem que Deus Se importa, mas morreu. Há quem sugira que não faz sentido perguntar para onde Deus foi, uma vez que pode ser que Ele jamais estivesse presente. Talvez alienígenas tenham construído este lugar, e não um deus. Alguns perguntam se devemos nossa vida no Além a princípios científicos neutros que ainda não são compreendidos. Outros preveem que Deus está para voltar a qualquer momento; assinalam que Seus dias correspondem a nosso milênio e talvez Ele esteja fazendo um mero passeio à tardinha.

O que quer que esteja por trás de Sua ausência, não demorou muito para que o jardim se degradasse em uma selva hobbesiana. As pessoas assumem lados beligerantes com base em suas teorias de desaparecimento, e os debates sobem como nuvens de fumaça preta. A certa altura, alguém encontra uma antiga pegada de Deus num canto distante do jardim e tenta fazer uma datação de carbono, mas ninguém concorda com os resultados.

E, então, acontece uma coisa incrível. Alguém começou a brigar, alguém começou a atirar, alguém começou a bombardear e a guerra irrompeu nos planos sagrados do Paraíso. Os recém-chegados eram levados diretamente para os campos de recrutas e treinados no uso das armas. O Além, como qualquer um aqui lhe dirá, não é mais o mesmo. Ascendemos e

trouxemos a frente de batalha conosco.

As novas guerras religiosas não giram em torno da definição de Deus, mas de Seu paradeiro. Os Novos Cruzados atacam os infiéis que acreditam que Deus está voltando; os Novos Jihadistas bombardeiam os que não acreditam que Deus tem de cuidar de outros universos; a Nova Guerra dos Trinta Anos grassa entre aqueles que acham que Deus está fisicamente doente e os que consideram um sacrilégio a sugestão de falibilidade. A Nova Guerra dos Cem Anos alastra-se entre os que concluíram que Ele nunca existiu e os que concluíram que Ele está num banquete romântico com a namorada.

A história é essa. É por isso que agora você está debaixo desta árvore que perde suas folhas, com o estrondo da metralhadora em seus ouvidos, o nariz doendo de Agente Laranja, as cargas de bazuca iluminando a noite, apertando a terra enegrecida de sangue em seus dedos enquanto as folhas caem em volta de você, o bom fiel, numa cruzada por sua versão da inexistência de Deus.

## *Fogo-fátuo*

No Além, você foi convidado a se sentar em uma vasta sala confortável com móveis de couro e estantes de monitores de televisão. Nas milhões de cintilantes telas verde-azuladas, você vê o mundo se desenrolar. Pode controlar o áudio que vem por seus fones de ouvido. Com um controle remoto, pode mudar os ângulos das câmeras celestiais e capturar a ação correta.

Assim, embora você não participe mais da vida na Terra, pode monitorar seu progresso. Se você acha que isso pode ficar tedioso, está enganado. É sedutor. É fascinante. Você aprende a observar bem. Você se envolve no resultado da vida de seus descendentes. Dezenas de detalhes intrigantes precisam ser mantidos sob vigilância. Depois que você se senta, os monitores dominam inteiramente sua atenção.

Em tese, você pode escolher ver qualquer coisa: as atividades privadas de solteiros em seus apartamentos, o desenrolar de planos de sabotadores, o progresso detalhado de campos de batalha.

Mas, em vez disso, todos queremos ver uma só coisa: provas de nossa influência residual no mundo, as ondas que ficaram em nossa esteira. Você acompanha os sucessos de uma organização que criou ou chefiou. Aprecia pessoas lendo os livros que doou para o grupo religioso local. Assiste a uma menina sapeca de sapatos cor-de-rosa subindo no bordo que você plantou. Essas são as digitais que você deixou no mundo; você pode ter partido, mas suas marcas continuam. E você pode assistir a todas.

Você pode muito bem se colocar à vontade: as histórias são exibidas por longas escalas de tempo. Pode escolher monitorar a tela de vídeo que mostra seu neto, um aspirante a dramaturgo, imerso em pensamentos em um banco de parque, tomando notas para uma cena. Será capaz de acompanhá-lo por anos e seguir seu sucesso. Nesse meio tempo, garçonetes passam com carrinhos de sanduíches e café, e você só precisa sair para dormir à noite. Quando volta pela manhã, passa seu cartão de sócio pelo portão de segurança e escolhe um bom lugar para passar o dia.

Mas aí é que está o problema: todo cartão de sócio expira em uma época diferente, e expiração significa não entrar mais na sala de vídeo. Aqueles que são excluídos zanzam do lado de fora do prédio, resmungando e

chutando a terra. *Não éramos bons?*, perguntam eles. *Por que ficamos do lado de fora enquanto outros assistem?*

Eles também querem descobrir como suas contribuições guiam o curso do mundo, querem ver seus netos se desenvolverem, querem testemunhar o futuro orgulho de seu nome de família. Eles lamentam e se compadecem uns com os outros.

Mas eles não sabem da história toda. Impedidos de entrar, deixam de ver suas organizações perderem membros. Deixam de assistir às pessoas de quem mais gostam desvanecendo de câncer. Deixam de ver o aspirante a dramaturgo dar em nada e não têm de ver sua morte solitária enquanto ele tenta dirigir sozinho ao hospital, mas solta seu último suspiro ainda na rua. Eles não veem a maré de costumes sociais, seus trinetos mudando de religião, as linhas de descendência genética se desgastando. Não têm de assistir Moisés, Jesus e Maomé acabarem como Osíris, Zeus e Tor.

Enquanto isso, eles chutam a terra e protestam. Não entendem que foram abençoados com o isolamento do futuro enquanto os pecadores são amaldiçoados no brilho verde-azulado dos televisores a testemunhar cada momento deles.

## *Incentivo*

Mesmo com a ajuda de nossas atuais habilidades de dedução, é impossível imaginar nossa própria morte. Não é porque nos falte discernimento, mas porque o conceito de morte é inventado. A morte não existe. Ficaré claro para você a certa altura quando você chegar a uma situação que acha que deve matá-lo - digamos, um grave acidente de carro. Você ficará surpreso ao perceber que não doeu. As testemunhas à sua volta vão rir e ajudar você a se levantar, espanar os cacos de vidro e explicar a situação.

A situação é que as pessoas a seu redor são Atores. Do ponto de vista deles, as interações com os outros eram quase inteiramente roteirizadas. Seu “Além”, se quiser chamar assim, é sua iniciação na peça.

Sabemos que este momento de revelação será difícil para você. *Pelo amor de Deus, você pensará enquanto sai dos escombros do carro, e minha namorada? Nosso relacionamento era baseado em quê? Todos os sussurros à noite eram fabricados? Falas ensaiadas? E todos os meus amigos: Atores? Meus pais? Fingiam?*

Não se desespere. Não é tão ruim quanto pensa. Se você acha que era o único não iniciado enquanto todos os outros eram Atores, está equivocado. Cerca de metade das pessoas era de Atores e o resto, como você até minutos atrás, era dos Beneficiários. Assim, é igualmente provável que sua namorada estivesse no mesmo barco ingênuo que você - e agora é sua responsabilidade se tornar um Ator para ela, de modo que ela não detecte mudança nenhuma no relacionamento. Você se tornará como um cônjuge adúltero lutando para forçar o comportamento normal. Pode também ter de ser um Ator para outros Beneficiários: seu chefe, seu taxista, sua garçonete.

Como Ator, você precisa ver os fundos das coisas. Quando termina uma conversa com um Beneficiário e sai da sala, você se vê numa área de espera nos bastidores, onde tábuas inclinadas escoram as costas inacabadas das paredes. Há sofás ali e você pode comprar um lanche nas máquinas automáticas. Você pode bater papo com outros Atores enquanto espera por seu próximo aparecimento. Seu próximo aparecimento será, digamos, às 12:53, no que parece ser um esbarrão coincidente com alguém no metrô.

Antes de cada aparecimento, você recebe um pequeno roteiro em um cartão. Em geral, as instruções são vagas. Por exemplo, você pode ser

instruído a fingir surpresa quando esbarrar no Beneficiário; talvez também seja instruído a fingir que acabou de comprar um cachorro ou, por outra, agir como se o trabalho sobrecarregasse sua mente. Em outras ocasiões, as instruções incluem uma coisa muito específica: você deve mencionar em algum momento da conversa o título de um novo livro, ou soltar o nome de um amigo em comum. Presumivelmente, outros Atores durante a semana terão atribuições semelhantes, para que o Beneficiário seja guiado a uma nova ideia ou encontro.

Assim, você decora seu breve roteiro e estará onde precisa quando voltar pela porta: no banheiro do restaurante, ou na loja de presentes do museu onde seu amigo está esperando para se encontrar com você, ou talvez numa calçada movimentada onde será visto de braços dados com outro Ator. Para os Beneficiários, as costas de todas as portas são construídas pouco antes de eles entrarem; para os Atores, todas as portas do mundo são nosso portal de entrada e saída desta sala de espera. Não sabemos como os Diretores constroem dinamicamente o mundo, muito menos para quê. Só nos informam que um dia terminará nossa obrigação aqui como Atores, depois nos mudaremos para um lugar melhor.

Você pode decidir não estar disposto a sustentar esta mentira constante aos Beneficiários. Pode gritar no interfone dos Diretores que não será seu engodo. Esta é uma reação típica. Mas, muito rapidamente, você cederá e fará seu papel com seriedade. Não sabemos muito sobre os Diretores, só que eles são inteligentes o bastante para conseguir que façamos uma coisa que não queremos fazer.

Por que interpretamos nosso papel com tanta seriedade? Por que não entramos em greve e revelamos a verdade? Um fator é a sinceridade no rosto de sua amante: sua vida de emoção reativa inesperada, sua crença sincera no acaso e na espontaneidade. Você é escravo dessa magnífica sinceridade em seus olhos, seu envolvimento com um mundo de possibilidades.

Mas, na verdade, há um motivo mais profundo para você fazer seu papel de forma tão convincente. Se você interpretar bem seu papel, poderá deixar este trabalho de Ator mais rapidamente. Aqueles com o melhor comportamento são recompensados com a ignorância: são reencarnados como um Beneficiário não iniciado. Você pode passar o tempo todo contando a verdade, mas os Diretores estão confiantes de que não fará isso; eles sabem que você mergulhará em qualquer infidelidade para preservar a

mentira e voltar futuramente a ela.

## *Comutador da morte*

Não existe Além; não obstante, uma versão de nós vive.

No início da era dos computadores, as pessoas morriam com senhas na cabeça e ninguém podia ter acesso a seus arquivos. Quando o acesso aos arquivos era fundamental, as empresas podiam parar suas operações aos poucos. Foi quando os programadores inventaram os comutadores da morte.

Com um comutador da morte, o computador pede sua senha uma vez por semana para se assegurar de que você ainda está vivo. Quando você não entra com a senha por certo período de tempo, o computador deduz que está morto e sua senha é automaticamente enviada por e-mail ao segundo em comando. As pessoas começaram a usar comutadores da morte para revelar a seus herdeiros números de contas em bancos suíços, ter a última palavra numa discussão e confessar segredos que eram indizíveis durante sua vida.

Logo se passou a considerar que os comutadores da morte eram uma boa oportunidade de se despedir eletronicamente. Em vez de mandar as senhas, as pessoas começaram a programar seus computadores para enviar e-mails aos amigos anunciando sua morte. “Aproveito esta oportunidade para lhe dizer as coisas que sempre quis expressar...”

Aos poucos, as pessoas perceberam que podiam programar mensagens a serem entregues em datas do futuro: “Feliz aniversário de 87 anos. Já faz 22 anos de minha morte. Espero que sua vida continue prazerosamente.”

Com o tempo, as pessoas começaram a levar os comutadores da morte ainda mais longe. Em vez de confessar sua morte nos e-mails, elas fingiam que não estavam mortas. Usando algoritmos de autorresposta que analisavam habilidosamente mensagens que chegavam, um comutador da morte podia gerar desculpas para rejeitar convites, mandar os parabéns em uma data festiva e afirmar estar ansioso pela oportunidade de rever alguém em breve.

Hoje, armar um comutador da morte para fingir que não se está morto tornou-se uma forma de arte. Os comutadores da morte são programados para mandar um fax de vez em quando, fazer uma transferência entre contas bancárias, ou fazer uma compra on-line do último romance. Os comutadores mais sofisticados lembram aventuras partilhadas, trocam recordações sobre uma boa escorregadela, partilham piadas íntimas, gabam-

se de proezas do passado e invocam uma vida inteira de experiências.

Dessa maneira, os comutadores da morte se estabeleceram como uma piada cósmica sobre a mortalidade. Os humanos descobriram que não podem deter a Morte, mas pelo menos podem cuspir em seu drinque.

Isso começou como uma revolução bem-humorada contra o silêncio do túmulo. O problema para os que ainda estão vivos, porém, é a dificuldade crescente para se determinar quem está morto e quem está vivo. Os computadores operam 24 horas por dia, mandando as comunicações sociais dos mortos: saudações, condolências, convites, paqueras, desculpas, mexericos, piadas internas - códigos entre pessoas que se conhecem bem.

E agora está claro onde esta sociedade vai parar. A maioria das pessoas morreu e somos alguns dos poucos restantes. Quando morrermos e nossos comutadores da morte forem ativados, só o que restará será uma rede sofisticada de transações sem ninguém para ler: uma sociedade de e-mails indo e voltando sob satélites silenciosos que orbitam um planeta mudo.

Assim, não existe um Além em si para nós, mas em vez disso ocorre um Além para o que existe entre nós. Quando uma civilização alienígena um dia der na Terra, de imediato poderá entender como eram os humanos, porque o que restará é a rede de relacionamentos: quem amava quem, que competia, quem traía, quem ria junto em viagens de carro e jantares festivos. Os vínculos de cada um com chefes, irmãos e amantes estão cauterizados nos comunicados eletrônicos. Os comutadores da morte simulam a sociedade tão completamente que toda a rede social pode ser reconstituída. As lembranças do planeta sobrevivem em séries de zero e um.

Essa situação nos permite rever indefinidamente piadas, remediar oportunidades perdidas com uma palavra gentil e lembrar histórias sobre experiências terrenas prazerosas que não podem mais ser sentidas. As lembranças agora vivem sozinhas; ninguém se esquece delas nem fica cansado de contá-las. Estamos muito satisfeitos com essa disposição das coisas, porque, de qualquer maneira, talvez recordar nossos dias gloriosos de existência fosse tudo o que teria acontecido num Além.

## *Encore*

Embora o conceito do Além seja muito antigo, sua implementação em larga escala só pegou impulso no último século. O Além existia antes, mas escassamente.

Para entender isso, você precisa estar ciente de que seus Criadores são talentosos nisto - na criação -, mas não se envolvem na observação e na avaliação de nossos atos como supúnhamos anteriormente. Os Criadores não observam nenhum detalhe à medida que nossa vida se desenrola. Eles não dão a mínima. Só depois é que voltam a se interessar quando têm a oportunidade de fazer o que fazem melhor: criar. Nesta segunda etapa, eles são chamados de Recriadores e seu objetivo é descobrir todos os registros disponíveis de sua vida e criar uma simulação de você, reconstituindo todos os seus dias. Eles tomam como um desafio pessoal ver se podem recuperar uma boa semelhança de você a partir das pilhas de evidências que você deixou.

Eles começam localizando suas certidões de nascimento e casamento e seu atestado de óbito. Para a maioria das pessoas, o Além começou só algumas centenas de anos atrás quando tiveram início os registros. Eles então examinam os registros telefônicos: cada chamada que você fez e para quem. Cada compra em cartão de crédito é recuperada e a hora, o local e a compra são analisados. Os Recriadores examinam cada quadro de cada fita de vídeo no planeta em busca de seu aparecimento, comprando café numa loja de conveniência, parado diante de um caixa eletrônico ao sacar dinheiro, segurando um diploma, andando inadvertidamente ao fundo do vídeo caseiro de outras pessoas, comendo um cachorro-quente na arquibancada durante uma partida de basquete.

Eles são artistas da informação e cada dado acrescenta mais pigmento a seu retrato em formação. Cada detalhe é marcado com um índice de confiança quanto à fonte e sua coerência é averiguada no cotejo com outros dados. Milhões de informações são reunidas, informações tão bem estruturadas e interconectadas que constituem uma concha que retém sua forma quando você desaparece do meio dela.

A partir de históricos escolares, os Recriadores se aproximam muito dos conhecimentos que você teve em dado momento de sua vida. Essa

informação é devidamente combinada com registros históricos detalhados. Eles recriam o que você deve ter visto ao redor a cada dia e, examinando suas assinaturas de jornais, moldam os eventos do mundo que o afetariam.

Das profundezas dessa leva de dados, eles podem deduzir as datas exatas de seus vários relacionamentos: quando começaram, quando terminaram e se coincidiram. Os Recriadores passam a entendê-lo a partir de cada formulário que você preencheu, cada palavra que digitou na internet, a correspondência que recebeu dos outros: por que as pessoas lhe agradeceram, quem o traiu, que conselhos suas amantes procuraram, que favores os amigos lhe pediram. Em que mala direta você está. A restituição de seu imposto de renda.

Em gerações anteriores, quando despertava no Além, era fácil saber que você era apenas uma simulação, porque seus detalhes eram muito esparsos. A sensação de vazio na maior parte dos dias lhe permitia saber que você era uma reprodução barata de seu antigo eu. Mas com a riqueza de informações de hoje, os Recriadores podem reconstituir você de forma tão inconsútil que seu Além é essencialmente uma réplica perfeita do original. E tão parecido com o verdadeiro que no Além você raras vezes se pergunta se viveu tudo isso, assombrado ocasionalmente por *déjà vu*, segurando um livro, sem saber se esta é sua primeira vez ou uma reprise de eras atrás.

## *Prisma*

No princípio, Deus resolveu que queria cada humano participando do Além. Mas os planos não foram concluídos e de imediato Ele começou a se defrontar com uma confusão sobre a idade. Que idade cada pessoa devia ter no Além? Deveria esta avó existir aqui na idade da morte, ou ela poderia viver como jovem, reconhecível a seu primeiro amante, mas não à neta? Ele concluiu que era injusto manter as pessoas na idade em que estavam no fim da vida quando grande parte de sua beleza e vivacidade tinha esmaecido. Permitir a todos viver como adultos jovens provaria-se uma solução inviável porque o Além rapidamente degenerava em perseguições sexuais ilimitadas. E na meia-idade eles só falavam dos filhos e das hipotecas, tornando tediosas as conversas no Além.

Deus finalmente deu com uma solução engenhosa ao ver a luz se difratar num prisma. Assim, quando você chega aqui, é dividido em seus eus múltiplos em todas as idades possíveis. O *você* que existiu como identidade única agora tem todas as idades ao mesmo tempo. Esses pedaços de você não envelhecem, continuam imutáveis perpetuamente. Os vocês transcenderam o tempo.

Leva-se algum tempo para se acostumar com isso. Os diferentes feixes de você podem se esbarrar no mercadinho como pessoas separadas fazem na vida na Terra. Seu eu de 76 anos pode rever o córrego preferido e dar com seu eu de 11 anos. Seu eu de 28 anos pode terminar com uma namorada num jantar e perceber que seu eu de 35 anos visita o local, demorando-se no ar de arrependimento que paira sobre a cadeira vazia.

Em geral, os diferentes vocês ficam felizes em se ver porque possuem o mesmo nome e uma história em comum. Mas os vocês são mais críticos consigo mesmos do que com os outros, e cada um dos vocês identifica rapidamente hábitos que procuram esconder.

E uma realidade do Além: não se surpreenda em descobrir que, depois da decomposição em suas diferentes idades, os diferentes vocês tendem a se separar.

Você descobre que o você de 8 anos tem menos em comum do que esperava com o você de 32 e o você de 26 anos. O você de 18 anos descobre mais em comum com outros de 18 anos do que com o você de 73.

O você de 73 anos não dá a mínima, procurando conversas significativas com outros da mesma geração. Tirando o nome, os vocês têm muito pouco em comum.

Mas não perca a esperança: o currículo comum da vida - pais, local de nascimento, cidade natal, anos escolares, primeiro beijo — tem uma atração magnética e nostálgica, então, de vez em quando, os diferentes vocês organizam um reencontro como uma festa de família, congregando todas as suas idades num único ambiente. Nessas reuniões, o de meia-idade terá prazer em apertar as bochechas do jovem e os adolescentes ouvirão educadamente as histórias e os conselhos dos idosos.

Essas reuniões revelam um grupo de indivíduos que comumente procuram um tema em comum. Eles apelam a seu nome como estrutura unificadora, mas percebem que o nome que existia na Terra, o você que passou por essas diferentes identidades, era como um feixe de galhos de diferentes árvores. Eles passam a entender, com pasmo, a complexidade da identidade composta que existia na Terra. Concluem com um dar de ombros que o você terreno está completamente perdido, não se preservou no Além. Você era todas essas idades, concordam eles, e não era nenhuma delas.

## *Inefável*

Quando soldados se separam no final do conflito, o rompimento do pelotão incita a mesma emoção da morte de uma pessoa - é a morte final e sem sangue da guerra. Esse mesmo estado de espírito assombra atores ao descer a última cortina: depois de meses de trabalho juntos, uma coisa maior do que eles acaba de morrer. Depois de uma loja fechar suas portas no final da noite, ou um congresso encerrar sua última sessão, os participantes se afastam, sentindo que faziam parte de uma coisa maior do que eles, algo que intuem que tinha *vida*, embora não consigam situá-lo.

Dessa maneira, a morte não é apenas para os humanos, mas para tudo o que existiu.

E acontece que tudo que desfruta de vida, desfruta de um Além. Os pelotões, peças, lojas e congressos não acabam — eles simplesmente se mudam para uma dimensão diferente. São coisas que criamos e existiram por algum tempo e assim, segundo as regras cósmicas, continuam a existir num reino diferente.

Embora seja difícil imaginar como esses seres interagem, eles desfrutam de um Além delicioso juntos, trocando histórias de suas aventuras. Riem dos bons tempos e, em geral, como os humanos, lamentam a brevidade da vida. As pessoas que os constituíram não são incluídas em suas histórias. Na verdade, eles têm pouca compreensão de você como você tem deles; em geral, eles não fazem ideia de que você existiu.

Pode parecer misterioso para você que essas organizações vivam sem as pessoas que a compuseram. Mas o princípio subjacente é simples: o Além é feito de espíritos. Afinal, você não traz seu rim, fígado e coração para o Além - não, você conquista a independência dos pedaços que o compõem.

Uma consequência desse esquema cósmico pode surpreendê-lo: quando você morre, é pranteado por todos os átomos do qual foi composto. Eles ficaram juntos por anos, seja em lâminas de pele ou comunidades de baço. Com sua morte, eles não morrem. Na verdade, eles se separam, tomando direções distintas, lamentando a perda de uma época especial que compartilharam, assombrados pela sensação de que antigamente participavam de algo maior do que eles, algo que tinha vida própria, algo que eles não conseguiam situar.

## *Panteão*

Não existe um único Deus, eles são muitos. Cada um governa um território distinto. Apesar das melhores conjecturas de civilizações do passado, os deuses não têm domínio sobre categorias de guerra, amor e conhecimento. Em vez disso, as divisões são muito mais refinadas. Um deus tem controle sobre objetos feitos de cromo. Outro sobre bandeiras. Outro sobre bactérias. O deus dos telefones, o deus do chiclete, o deus das colheres: esses são os participantes de uma panóplia incalculável de burocracia divina.

Sempre há uma disputa de território. E a interação nesta administração substancial que determina os passos aleatórios do mundo: tudo de interessante acontece nas fronteiras entre os domínios de poder.

Assim, embora você possa ficar satisfeito ao saber que afinal existe uma intencionalidade divina, pode também ficar decepcionado ao saber que não existem dois deuses que entrem em acordo. São tantos que para eles é difícil ter algo em comum, a não ser durante os breves soluços estatísticos.

Como os gregos suspeitaram, há uma competição amarga entre os deuses. Sobram rivalidades ciumentas porque as apostas são baixas demais; os deuses não são grandes e poderosos e sabem disso. Então eles tentam ao máximo se destacar e ser ouvidos, dados os limites de seus talentos e as cartas que têm na mão. Eles se veem lançados num mar de interação com estranhos, lutando para progredir numa rede de competição ciumenta. Muitos passam a desconfiar de que algo extraordinário pode acontecer se conseguirem colaborar numa escala significativa, mas eles se veem continuamente estorvados pela natureza personalizada de seus objetivos.

Ultimamente, entrou na moda teorizar que o único motivo para eles não nos destruírem é sua incapacidade de coordenar. Mas a verdade é que eles gostam de nós e se esforçam para que fiquemos protegidos. Quando se sentem sobrecarregados pelas próprias lutas, sentam-se e observam o trânsito. Eles olham como cada motorista humano segue para seu lugar particular da cidade, isolado de vizinhos por camadas de vidro e aço. Alguns humanos se dão ao trabalho de fazer contato por celular com um amigo entre hordas inumeráveis. E, olhando o volante, cada humano sente as intensidades da alegria e da tristeza como se fossem os únicos exemplares reais no mundo.

Entre todas as criaturas da criação, os deuses nos favorecem: somos os únicos que podem se solidarizar com seus problemas.

## *Impulso*

Assim como não existe Além para um chip de computador, não existe Além para nós: afinal, somos a mesma coisa. Os humanos são as pequenas unidades na rede de hardware que roda um software imenso e invisível, o produto de três Programadores cósmicos. Os Programadores são especialistas em construir substratos computacionais flexíveis feitos de nós - neste caso, humanos - que são móveis, curam-se sozinhos e têm banda larga alta. A cada contato entre humanos, a rede avança por cálculos imensuravelmente grandes, reconfigurando seu circuito colossal em disparada, computando para seres de uma escala espacial diferente.

A surpresa é que todas as operações computacionais ocorrem abaixo da superfície de nossa consciência. Assim, observe com atenção na próxima vez em que a pálpebra de seu vizinho produzir uma única contração que mal seja perceptível. Normalmente, nenhum dos dois teria consciência disso - mas seu cérebro subconsciente percebe. Para essas partes ocultas de seu cérebro, a contração detectada estimula uma cascata de mudanças: genes se desenrolam, proteínas se desenvolvem, sinapses se reorganizam. Tudo isso está bem abaixo de sua consciência - você está apenas carregando a caixa craniana sem nenhum conhecimento do que acontece dentro dela. Esse surto de atividade nervosa leva você a imediatamente liberar feromônios que são indetectáveis no nível consciente, mas têm uma influência considerável sobre o sistema nervoso da jovem sentada a seu lado: momentos depois, ela inadvertidamente bate o pé esquerdo uma vez. Isso é compreendido pelo cérebro do turista sentado na frente dela e a computação evolui.

Dessa maneira, em toda a vasta rede da humanidade, os sinais são transmitidos a um ritmo vertiginoso sem que nenhum de nós tenha conhecimento de que somos seus mensageiros. O erguer inconsciente de um dedo para coçar embaixo de uma aba de chapéu, o súbito aparecimento de arrepios, o momento exato de uma piscadela - tudo transmite informações e impele o processamento à fase seguinte. A raça humana é uma rede gigantesca de sinais transmitidos de um nó a outro, um cálculo de significado celestial sendo executado na vasta grade do substrato humano.

Mas acontece que um *bug* mínimo e inesperado se esgueirou para o

programa, um algoritmo anômalo que os Programadores não pretendiam ter e ainda não detectaram: nossa consciência. Tudo que adoramos, detestamos, desejamos, não suportamos, tudo que nos dá prazer, queremos, buscamos, ansiamos, tudo a que aspiramos - tudo isso corre pelo programa planetário, escondido nas densas florestas de seu código. O amor não foi especificado no projeto de seu cérebro; ele é apenas um algoritmo afetuoso que se descarrega livremente nos ciclos restantes de processamento.

Os Programadores são tão inconscientes de nossa vida consciente como nós somos de seus cálculos. Em tese, eles devem ser capazes de averiguar um leve escoamento nos recursos de computação embora os cálculos sejam elaborados e embolados demais para uma investigação do problema. Mas eles não se incomodaram, porque estão emocionados com o andar das coisas. Algo aconteceu aqui que eles não compreendem: a capacidade de computação da grade cresceu a um ritmo estonteante.

Eles acham isso um mistério, pois elaboraram os nós apenas para reposições de crescimento zero. Sabendo que os humanos um dia vão se esgotar, os Programadores os equiparam com um mecanismo de chave para a autorreprodução quando chegar a hora. Mas eles não previram o algoritmo anômalo, ou como ele acidentalmente criou uma solidão profunda nos nós, uma necessidade de ter companhia e sagas contínuas de drama e satisfação. O sexo resultante ampliou muito o tamanho da grade, que cresceu rapidamente, passando de milhares a bilhões de nós. Por motivos que estão além da compreensão dos Programadores, os nós são capazes de atos heroicos para se manter vivos e girar as chaves. De todos os planetas dos Programadores, o nosso é o filho dourado da supercomputação, o mundo que inexplicavelmente fornece energia suficiente para iluminar a galáxia.

## *Quantum*

Aqui, no Além, tudo existe em todos os estados possíveis de uma só vez, até estados que são mutuamente excludentes. Isso é um choque depois de sua vida na Terra, onde escolher uma coisa leva ao desaparecimento de outras opções. Quando você se torna amante de um, não pode se tornar amante de outros; quando escolhe uma porta, as outras não ficam mais a seu alcance.

No Além, você pode desfrutar de todas as possibilidades ao mesmo tempo, tendo múltiplas vidas em paralelo. Você se vê simultaneamente comendo e não comendo. Está jogando boliche e não está. Você cavalga e não há nenhum cavalo por perto.

Um anjo azul e aveludado gentilmente desce para ver como você está se saindo com isso no Além.

— Isso tudo é muito perturbador para um pobre cérebro humano - você confessa ao anjo.

O anjo coça o queixo.

— Talvez possamos facilitar as coisas para você com algo mais simples como uma jornada de trabalho — propõe ele.

Você de imediato é largado numa vida de trabalho de contradições simultâneas. Pratica ao mesmo tempo várias profissões, todas as carreiras que considerou quando era mais novo. Você simultaneamente faz a contagem regressiva para o lançamento de um foguete espacial e defende um criminoso diante de um júri no tribunal. Nos mesmos momentos, desinfeta as mãos para uma cirurgia de vesícula e dirige uma carreta de cinco eixos por uma rodovia interestadual do México. Lá se foram as restrições de local e tempo.

— Isto — você diz ao anjo — é trabalho demais.

— Talvez possamos animar você com uma situação mais simples - considera ele. - Gostaria de estar numa sala fechada, sozinho com sua amante?

E então, lá está você. Você ao mesmo tempo está envolvido na conversa e pensando em outra coisa; ela ao mesmo tempo se doa a você e não se doa;

— você a considera desagradável e a ama profundamente; ela o venera e se pergunta o que poderia estar fazendo com outra pessoa.

— Obrigado — você diz ao anjo. — Isto eu entendo.

## *Conservação*

O que deduzimos sobre o Big Bang está quase errado. Em vez de um Big Bang, a gênese do universo consistiu na produção tranquila e acidental de um único quark.

Por milhares de milênios, nada aconteceu. A partícula solitária flutuou no silêncio. Por fim, ela pensou em se mexer. Como todas as partículas elementares, percebeu que a direção de sua viagem no tempo era arbitrária. Assim, ela se lançou para a frente no tempo e, olhando para trás, percebeu que tinha deixado um único risco de lápis na tela do espaço-tempo.

Ela disparou no tempo em outra direção e viu que tinha deixado outro risco.

O quark começou a disparar de um lado a outro do tempo e, como cada ato expressivo do lápis de um artista, um quadro começou a se formar.

Se lhe parece que estamos conectados por um todo maior, você está enganado: somos conectados por uma partícula menor. Cada átomo em seu corpo é o mesmo quark em diferentes lugares no mesmo instante de tempo. Nosso pequeno quark desliza como uma bala tracejante frenética de quatro dimensões, pintando o mundo: cada folha de cada árvore, cada coral nos mares, cada pneu de carro, cada ave levada pelo vento, todos os fios de cabelo de cada cabeça do mundo. Tudo o que você viu é uma manifestação do mesmo quark, disparando pela superestrada do espaço-tempo que ele mesmo inventou.

Ele começa a escrever a história do mundo com sagas de guerra, amor e exílio. Enquanto girava histórias e permitia que as tramas crescessem organicamente, o quark se tornou um contador de histórias cada vez mais talentoso. Seus protagonistas envolviam-se em complexidade moral; seus adversários eram encantadores. O quark buscou inspiração em sua própria história de solidão num cosmo vazio: a adolescente com a cabeça no travesseiro, a divorciada olhando sem ver pela vitrine da cafeteria, o aposentado vendo infomerciais - esses se tornaram os profetas do texto do quark.

Mas o quark não se demorou na solidão. Descobriu que nenhuma história de amor e cena de sexo lhe bastava. Da rede complexa de histórias de amor, surgiram novas gerações de crianças e o *storyboard* da tela do

espaço-tempo tornou-se cada vez mais rico de personagens. O quark buscou o fluxo lógico de cada história com dedicação e integridade.

Depois, em uma tarde que viria a ser conhecida por nossos físicos como o Dia do Declínio, o quark teve uma revelação. Percebeu que tinha chegado aos limites de sua energia. Suas histórias ficaram barrocas e rococós demais para que fossem contidas pela velocidade máxima de seus golpes de lápis.

Este foi o primeiro dia em que o mundo começou a vagar para a incompletude. O quark melancolicamente se resignou ao fato de que só podia fazer o show continuar se poupasse energia. Percebeu que podia conseguir isso desenhando apenas aquelas entidades que estavam sendo observadas por alguém. Nesse programa de conservação, os grandes prados e montanhas só eram desenhados quando havia alguém ali para olhar. Não havia nada desenhado sob a superfície do mar quando submarinos não viajavam por ele; não havia selvas onde os exploradores não sondavam.

Essas medidas de economia já estavam em vigor antes de você nascer. Mas as coisas estão prestes a piorar. Mesmo com esses programas de gestão de energia, o quark continua estafado. Dado o crescimento sem rumo e explosivo da crônica humana, as reservas de nosso quark estão perto do esgotamento.

Assim, contra sua vontade, ele vai se submeter ao fato de que não pode continuar a narrativa. Os físicos nos aconselharam a nos preparar emocionalmente para o fim de nosso mundo: as árvores terão menos folhas, homens e mulheres ficarão carecas, os animais serão desenhados com menos detalhes. À medida que o declínio continuar, você um dia virará uma esquina conhecida e descobrirá que faltam prédios. A certa altura, pode passar pelas paredes ausentes de seu quarto e descobrir sua mente desenhada pela metade.

Essa é a previsão que propuseram, mas, felizmente para nós, os físicos cometeram um pequeno erro de cálculo. Faltou em suas equações o fato de que o quark nos ama demais para permitir que isso aconteça. Ele se importa com sua criação e sabe que nos magoaria muito ver o que há por baixo do verniz.

Assim, ele tinha um plano um tanto diferente. O mundo acabará dormindo. Todas as criaturas do quark se enroscarão onde estão. Os que saem para trabalhar com seus ternos pela manhã afundarão no sono atrás dos volantes. Rodovias, locomotivas e metrô aos poucos farão uma parada silenciosa. Trabalhadores de escritório se colocarão confortavelmente

sonolentos no chão e nos corredores de seus prédios altos. As praças das capitais do mundo cairão no silêncio. Agricultores em seus campos de trigo sucumbirão ao sono à medida que insetos em pleno voo descerão suavemente como flocos de neve. Cavalos pararão seu galope e relaxarão num sono de pé. Panteras negras nas árvores baixarão o queixo até as patas nos galhos. E assim que o mundo vai acabar, não com uma explosão, mas com um bocejo: sonolento e satisfeito, nossas pálpebras em queda servindo de cortina para o fim da peça.

Dessa maneira, as amadas criações do quark serão incapazes de testemunhar o que virá a seguir. O que virá a seguir é a recessão do mundo, o desvendamento do planeta. A medida que o quark reduzir o ritmo, cada golpe de seu lápis se tornará cada vez mais esparso, até que o mundo se assemelhará a uma xilogravura hachurada. Os corpos adormecidos se tornarão redes transparentes através das quais poderá ser visto o outro lado. À medida que diminuírem as marcas do lápis, as rodovias asfaltadas se tornarão uma listra leve de golpes pretos, sem nada por baixo, a não ser o outro lado do planeta, com o diâmetro de uma Terra. A tela do mundo involuirá para um esboço fino de contornos. Os traços restantes, um por um, desaparecerão da grade, levando o cosmo à mais completa escuridão.

No final, exaurido, o quark reduz e para no meio do vazio infinito.

Aqui ele relaxará, recuperando o fôlego. Esperará vários milhares de milênios até recuperar a fibra e o otimismo e tentar novamente. Assim, não existe Além, mas um longo intervalo: todos nós existimos na memória da partícula como um ovo fertilizado esperando para eclodir.

## *Narciso*

No Além, você recebe uma resposta clara sobre nosso propósito na Terra: nossa missão é coletar dados. Fomos semeados neste planeta como câmeras móveis sofisticadas. Somos equipados com lentes avançadas que geram imagens de alta resolução, calculando forma e profundidade de comprimentos de ondas de luz. As câmeras dos olhos são instaladas em corpos que as carregam a toda parte - corpos que podem escalar montanhas, explorar cavernas, atravessar planícies. Somos equipados com ouvidos para captar ondas de ar comprimido e grandes camadas sensoriais de pele para coletar dados de temperatura e textura. Fomos projetados com cérebros analíticos que podem levar esse equipamento móvel para o alto das nuvens, abaixo dos mares, na Lua. Dessa maneira, cada observador de cada topo de montanha contribui um pouquinho para a vasta coleta de informações sobre a superfície do planeta.

Fomos plantados aqui pelos Cartógrafos, cujos livros sagrados são o que reconheceríamos como mapas. Nossa vocação é cobrir cada centímetro da superfície do planeta. Enquanto vagamos, aspiramos dados em nossos órgãos dos sentidos e é só por esse motivo que existimos.

No momento de nossa morte, despertamos na sala de relatório. Aqui nossa vida inteira de coleta de dados é descarregada e correlacionada com os dados daqueles que faleceram antes de nós. Por esse método, os Cartógrafos integram bilhões de pontos de vista em um quadro dinâmico de alta resolução do planeta. Eles, há muito tempo, perceberam que o método ideal para obter um mapa do planeta era largar incontáveis dispositivos móveis, pequenos e resistentes, que se multiplicam rapidamente e chegam a todos os cantos do globo. Para garantir que nos espalhássemos amplamente pela superfície, eles nos fizeram inquietos, desejosos, robustos e fecundos.

Ao contrário das versões anteriores de câmeras móveis, eles nos construíram para ficar de pé, esticar o pescoço, virar as lentes para cada detalhe do planeta. Tornarmo-nos curiosos e desenvolvemos de forma independente novas ideias para ter uma mobilidade maior. O brilhantismo da especificação de projeto era que nossos esforços pioneiros não foram prescritos; não para conquistar a variedade imprevisível de paisagens, fomos submetidos à seleção natural e desenvolvemos estratégias dinâmicas

e imprevistas. Os Cartógrafos não se importam com quem vive ou morre desde que a cobertura seja ampla. Eles ficam irritados com a veneração e a genuflexão; isso atrasa a coleta de dados.

Quando despertamos na gigantesca sala esférica sem janelas, podemos levar alguns minutos para perceber que não estamos nas nuvens do Paraíso; estamos imersos no centro da Terra. Os Cartógrafos são muito menores do que nós. Vivem no subterrâneo e têm aversão à luz. Somos os maiores dispositivos que eles construíram; para eles, somos gigantes, grandes o bastante para pular regatos e escalar rochas, uma máquina impressionante, ideal para a exploração planetária.

Os pacientes Cartógrafos nos colocaram num lugar na superfície e observaram por milênios enquanto nos espalhávamos como tinta sobre a extensão do planeta, até que cada área assumiu a cor da cobertura humana, até que cada região ficou sob o olhar atento de sensores móveis e compactos.

Observando nosso progresso de seu centro de controle, os engenheiros das câmeras móveis se parabenizaram pelo trabalho bem-feito. Eles esperavam que os humanos passassem a vida toda virando seus sensores de dados para trechos do solo, o estrato das rochas, a distribuição das árvores.

E no entanto, apesar do sucesso inicial, os Cartógrafos estão profundamente frustrados com os resultados. Apesar de sua cobertura planetária e da expectativa de vida longa, as câmeras móveis coletaram muito pouco que seja útil para a cartografia. Em vez disso, os dispositivos voltaram suas lentes compactas e engenhosamente criadas para o olhar de outras lentes compactas — uma forma irônica de banalizar a tecnologia. Em sua pele sensorial sofisticada, eles simplesmente queriam ser afagados. Os brilhantes sensores de ar comprimido se voltaram para os sussurros de amantes em vez de captar dados planetários fundamentais. Apesar de seu projeto robusto para a vida ao ar livre, eles gastaram sua energia construindo abrigos em que se espremem com os outros. Apesar de bons para se dissipar em larga escala, eles se agregam em pequenas escalas. Construíram redes de comunicação para ver imagens dos outros remotamente quando estão separados.

Dia após dia, com o coração condoído, os Cartógrafos giram bobinas intermináveis de dados inúteis. O engenheiro-chefe foi demitido. Ele criou uma maravilha da engenharia que só tira fotos de si mesma.

## *Semente*

Embora consideremos Deus o homem do projeto, por acaso Ele não é suficientemente habilidoso para ter feito tanto. Na realidade, Ele derrubou involuntariamente o primeiro dominó ao criar uma paleta de átomos com formatos diferentes. Nuvens de elétrons se uniram, moléculas floresceram, proteínas se abraçaram, e por fim células se formaram e aprenderam a grudar nas outras feito periquitos. Ele descobriu que aquecendo a Terra à distância correta do Sol, ela instintivamente brotava de vida. Ele não foi tanto um Criador, mas um improvisador com moléculas que teve de um golpe de sorte: simplesmente deu o pontapé inicial ao criar um *smorgasbord* de matéria, e o resultado foi a Criação.

Ele está impressionado com as magníficas consequências biológicas como o resto de nós, e Ele em geral passa tardes vagarosas andando sob o dossel da selva ou pelo fundo do mar deleitando-se com a beleza inesperada.

Quando nossa espécie deu com a senciência, ficamos pasmos com Seus experimentos com raios e eletricidade, Seus ciclones velozes, Sua diversão explosiva com vulcões. Esses efeitos geraram mais pasmo e perplexidade do que Ele esperara entre a nova e bela espécie. Ele não quis aceitar o crédito por uma coisa que não merecia, mas a aclamação era dada sem ser solicitada. Ele começou a achar os humanos irresistíveis com seu amor irrestrito. Nós rapidamente nos tornamos Sua espécie preferida.

Como nós, Ele fica aterrado quando reflete sobre as sinfonias perfeitas de órgãos internos, os sistemas globais de clima, a curiosa coleção de espécies marinhas. Ele não sabe realmente como tudo isso funciona. É um explorador, curioso e inteligente, procurando respostas. Mas com suficiente adoração nossa, a tentação venceu: supusemos que a Criação foi planejada e Ele não corrigiu mais esse erro.

Recentemente, Ele deu com um problema imprevisto: nossa espécie está ficando mais inteligente. Embora antigamente ficássemos assombrados com facilidade, arrastando as juntas e boquiabertos para o fogo, agora substituímos a confusão pelas equações. Os truques para os quais nos prostrávamos agora foram deduzidos. Leis físicas preveem as respostas certas; os territórios intelectuais que antigamente deixávamos escapar agora

se congregam sob a égide de explicações melhores. Dominamos teorias da física tão estranhas e complexas que Deus tem crises de pressão alta tentando entendê-las.

Isso colocou Deus numa situação espinhosa. Os livros antigos contam como Deus desencadeou todos os Seus milagres no Egito. Ele agora está meio na defensiva, porque não tem mais milagres para desencadear e está cada vez mais preocupado que possamos ver as cordinhas, se Ele tentar. Ele está na situação de um mágico amador que se apresenta para crianças pequenas e de repente tem de dar um show a adultos céticos. Tudo isso está refletido no declínio constante dos milagres tentados no milênio passado. Ele é nobre demais para Se fiar no blefe e a ideia de ser flagrado e revelado como um amador O constrange. É por isso que Deus guarda uma distância profissional cada vez maior de Sua espécie preferida. À medida que Ele Se retraiu, santos e mártires encheram o vácuo como Sua equipe de marketing. Ele agora Se envergonha de não tê-los detido antes; não, Ele Se segregou enquanto eles geraram crônicas intermináveis.

Mas esta história tem um final feliz. Ele recentemente enfrentou Suas limitações e isso O aproximou de nós. Estudando-nos em detalhes de Seu posto avançado celestial, Ele começou a entender que Seus súditos são inteiramente capazes de ter empatia por Sua situação. Para onde quer que Ele olhe, vê exemplos estranhos: pais que semeiam a vida de um filho, mas têm limitado controle sobre ela; políticos que brevemente agitam a máquina do Estado no futuro mal iluminado; amantes entusiasmados que se casam sem saber aonde levará o compromisso. Ele estuda os encontros acidentais que iniciam amizades, invenções, gestações, acordos comerciais e acidentes de carro. Ele percebe que todos estão caindo como dominós vacilantes: ninguém sabe aonde vai levar.

No Além, na companhia calorosa de Seus súditos acidentais, Deus agora se acomoda confortavelmente como um avô que olha sua prole na comprida mesa de festa, sentindo-se orgulhoso, de certo modo responsável e um tanto surpreso.

## *Cemitério dos deuses*

Como o Além é uma forma de justiça, podemos pensar que ele não deve incluir animais que não são considerados responsáveis por seus atos. Felizmente, estaríamos equivocados. Teria sido um Além solitário sem animais e descobrimos a verdade agradável de que o outro mundo é cheio de cachorros, mosquitos, cangurus e todas as outras criaturas. Depois que você chega e olha em volta por um tempo, fica evidente que qualquer coisa que existia antes desfruta de uma existência contínua.

Você começa a perceber que o dom da imortalidade se aplica também a coisas que *criamos*. O Além é cheio de celulares, canecas, bugigangas de porcelana, cartões de apresentação, castiçais, alvos de dardos. Coisas que destruimos — navios canibalizados, computadores aposentados, gabinetes demolidos —, todos voltam em plena forma para mobiliar o Além e desfrutar dele. Ao contrário da advertência de que não podemos levá-la conosco, qualquer coisa que criamos se torna parte de nosso Além. Se foi criado, sobrevive.

Surpreendentemente, essa regra é válida para criações não só materiais, mas também mentais. Junto com as criações que nos recebem no Além, há os deuses que criamos. Sozinho numa cafeteria, você pode encontrar Reshef, o deus semítico da peste e da guerra. A cabeça de gazela cresce de sua testa; ele olha tristonho pela vitrine para quem passa. No corredor do mercadinho, você pode esbarrar no deus babilônio da morte, Nergal, no grego Apoio, ou no védico Rudra. No shopping, localiza deuses das chamadas e luas, deusas de atos sexuais e fertilidade, deuses de cavalos de batalha caídos e escravos foragidos. Apesar de suas roupas comuns, eles em geral são detectados pelo tamanho gigantesco e características como cabeças de leão, vários braços ou caudas de réptil.

Eles são solitários, em grande parte porque perderam seu público. Costumavam curar doenças e agir como intermediários entre os vivos e os mortos e dispensavam colheitas, proteção e vingança para os fiéis. Agora ninguém sabe seus nomes. Eles nunca pediram para nascer, no entanto se veem presos aqui pela eternidade. Só raras vezes há um ressurgimento localizado de crença em um deus antigo, um pequeno grupo de fãs, mas esses surtos sempre têm vida curta. Os deuses reconhecem que estão presos

aqui com sua mão de cartas: uma personalidade vingativa, fogo nos olhos, família disfuncional e eternidade nas mãos.

Quando você olha em volta, descobre milhares deles. O Mictlantecuhtli asteca, o Rei-macaco chinês Sun Wukong, o nórdico Odin. Nas listas telefônicas do Além, você pode encontrar a Serpente Arco-íris dos aborígenes australianos, o Zempat da Prússia, o Berstuk vênedo, o Gitche Manitou algonquino, o Maimon sardenho, o trácio Zibelthiurdos. Em um restaurante você pode entreouvir a conversa gélida entre a deusa babilônia do amor Tiamat e o deus da tempestade Marduk, que antigamente a dividira em duas. Ela fu-tuca a comida e só dá respostas curtas para as tentativas dele de conversar.

Alguns deuses são aparentados; outros têm uma genealogia inidentificável. O que eles têm em comum é uma tendência a rejeitar a moradia gratuita oferecida no Além embora ninguém saiba por quê. Mais provavelmente se deve ao fato de eles terem dificuldade para aceitar a ideia de cair ao nível de seus antigos genuflectores.

Em vez disso, à noite, solitários e sem teto, eles se agrupam na extremidade da cidade, deitando-se para dormir em grandes campinas verdejantes. Se você tiver interesse em história e em teologia, vai gostar de andar por esses campos de deuses, este espetáculo horizontal e tranquilo de deidades abandonadas, deitadas em filas desiguais a perder de vista. Aqui você pode dar com Bathalang Maykapal dos tagalos e seu maior inimigo, o Deus-lagarto Bakonawa; sem que mais ninguém se importe com eles, agora os dois dividem uma solitária garrafa de vinho. Aqui você vê o deus da luz, Atea, do arquipélago Tuamotu, e seu filho Tane, que em seu auge lançou seus raios parricidas em seu ancestral Fatu-tiri; agora toda a família está sentada em círculo, suas vendetas murchas e difíceis de revigorar. Olhe: aqui está o maori Tawhirimatea, o deus das tempestades e dos ventos, que passou a vida toda castigando suas deidades irmãs por separar seus pais, Rangi e Papatuanuku; sem plateia, seus ventos se esgotaram e ele joga cartas com os irmãos sob céus mais calmos. Lá você pode ver Khonvoum, deus supremo dos pigmeus bambutis, segurando seu arco feito de duas serpentes, que ele ainda acredita que pode aparecer a mortais como um arco-íris. Aqui está o deus xintoísta do fogo Kagu-tsuchi, cujo parto queimou a mãe até a morte; agora a única prova de sua antiga chama é um leve cheiro de fumaça.

Como um museu, estes campos de deuses, esta enciclopédia pastoral de

mitologia, é um testemunho à criatividade e à reificação humanas. Esses antigos deuses estão acostumados a nos ver por aqui; os deuses novos ficam ofendidos ao ver a rapidez com que caíram da reverência e do martírio para a deserção e o turismo.

Embora os deuses prefiram se reunir aqui, a verdade é que eles não se suportam. Estão confusos porque se viram no Além, mas ainda acreditam, no fundo, que estão no comando. Eles em geral ascenderam ao topo graças à sua agressividade e ainda querem reivindicar a supremacia sobre os outros. Mas aqui eles não desfrutam mais do topo de uma hierarquia; não, eles sofrem lado a lado em um companheirismo no abandono.

Só há uma coisa que eles apreciam neste Além. Graças a seu afamado caráter vingativo e sua criatividade nas artes da tortura, eles ficam impressionados com esta versão do Inferno.

## *Apostasia*

No Além, você conhece a Deusa. Para sua surpresa e prazer, Ela não é como nenhum deus que os humanos conceberam. Partilha qualidades com todas as descrições religiosas, mas domina uma grandeza divina que não foi apreendida por nenhuma delas. Ela é o elefante descrito pelo cego: só descrições parciais, sem nenhuma compreensão do todo.

Você pode ver em Seus olhos cintilantes que Ela fica deliciada ao entregar o Livro da Verdade. O Livro volta-se para sua vida inteira de perguntas sem nenhum hiato filosófico e sem pontas soltas. Enquanto observa a empolgação Dela com esta revelação, você começa a suspeitar de que no fundo Ela tem medo de que um teólogo de raciocínio especialmente claro adivinhe a resposta. Todas as pistas estão ali, e só o que atrapalha é a formação pessoal do indivíduo. Você percebe que Ela sente alívio ao ver as tendenciosidades e tradições das pessoas impedirem a adivinhação teológica clara. E só graças a esses antolhos culturais que ela retém sua posição invejável de revelar os grandes segredos do universo a cada dia enquanto os mortos atravessam Seu território para a dimensão seguinte.

Se essas pessoas fossem capazes de se livrar inteiramente de suas tradições, dos argumentos de seus ancestrais, das canções de sua infância - raciocina Ela -, teriam uma conjectura decente da resposta certa. E é por isso que Ela sempre foi astuta com os apóstatas, aqueles que rejeitaram os pormenores de sua religião em busca de algo que parecesse mais verdadeiro. Ela não gostava deles porque parecia mais provável que eles flutuassem para a adivinhação correta. Se achasse que a Deusa gosta daqueles que seguem Aelmente suas religiões, você teria razão - mas provavelmente pelos motivos errados. A Deusa só gosta deles porque não são intelectualmente aventurecos e certamente chegarão a uma resposta um tanto errada.

Com sua chegada no Além, Ela divide as pessoas nos Apóstatas, à Sua esquerda, e os Fiéis, à Sua direita. Os Apóstatas descem a escada rolante e só os Fiéis continuam no Paraíso. A cada dia Ela recebe os novos Fiéis de duas mil religiões. Ela os observa lendo o Livro da Verdade e, com uma expectativa deliciosa, espera que eles o apreendam.

Mas uma coisa se saiu terrivelmente mal com Seu plano. A verdade não

convence. Os Fiéis recém-chegados têm uma capacidade imperturbável de sustentar as crenças com que chegaram, uma relutância profunda em considerar as provas que os separam do contexto de uma vida inteira. Assim, Ela Se vê depreciada e solitária, vagando sozinha em meio às infinitas paisagens de nuvens com os crentes que não acreditam.

## *Projeto*

Nós ansiamos por encontrar nossas respostas no Além. No Além, recebemos o dom definitivo da revelação: uma oportunidade de ver o código subjacente.

De início, podemos ficar chocados em nos ver representados como uma coleção gigantesca de números. À medida que passamos por nossa vida normal no Além, em nosso olho da mente podemos ver a imensa paisagem de números, estendendo-se a perder de vista para todo lado. Esse conjunto de números representa cada aspecto de nossa vida. Pelas vastas planícies localizamos ilhas de setes, selvas de três, rios bifurcados de zeros. O tamanho e a riqueza são de tirar o fôlego.

Enquanto você interage com uma amante, pode ver também os números dela e suas interações com os seus. Ela faz beicinho afetuosamente para ter atenção e seus números caem numa cascata acrobática. Dígitos giram seus valores como cachoeiras. Com consequência, seus olhos se fixam nos dela e palavras amorosas formam-se em seus lábios, viajando de sua garganta em ondas de ar comprimido. Enquanto ela processa as palavras, seus números giram, ondas de mudança percorrendo seu sistema. Ela retribui seu afeto, uma retribuição sugerida pelo estado de seus números.

*Minha deusa, percebe você em sua primeira tarde aqui: isto é totalmente determinista. O amor não passa de uma operação matemática?*

Depois de ver o suficiente do código, ocorre-lhe uma nova concepção de influência e responsabilidade. Você olha e entende todos os sinais que levam uma motorista a pisar nos freios enquanto seus números são alterados pelos números do gato que anda diante de suas rodas; você pode ver o código das pulgas que saltam quando o gato pula. Se o gato será ou não ferido, você agora entende, não está sob o controle de ninguém; tudo está nos números combinados numa maravilhosa inevitabilidade. Mas também passamos a entender que a rede de números é tão densa que transcende a simples noção de causa e efeito. Tornamo-nos receptivos à sabedoria do fluxo dos padrões.

Se acha que esse dom da revelação é recebido no Paraíso, você só está certo pela metade; também é o castigo planejado para você no Inferno. Os Recompensadores originalmente pensaram em oferecê-lo como um

presente, mas os Castigadores rapidamente decidiram que podiam alavancá-lo como uma espécie de aflição, estancando os prazeres da vida ao revelar sua incruenta natureza mecânica.

Agora os Recompensadores e os Castigadores estão em batalha para determinar qual deles extrai mais benefícios dessa ferramenta. Será que os humanos apreciarão o conhecimento, ou serão torturados por ele?

Da próxima vez que você for atrás de um novo amante no Além, talvez dividindo uma garrafa de vinho depois do que parecia ser um encontro casual, não se surpreenda se um Recompensador e um Castigador aparecerem de mansinho atrás de você. O Recompensador sussurra em um de seus ouvidos: *Não é maravilhoso entender o código?* O Castigador sibila no outro ouvido: *Entender os mecanismos da atração não suga toda a vida que ela tem?*

Uma cena dessas é típica no Além e ilustra o quanto as duas partes nos superestimaram. Esse jogo sempre termina em decepção para os dois lados, que ficam atormentados ao saber que mostrar os segredos dos bastidores tem pouco efeito sobre nossa experiência. Os códigos secretos da vida - quer sejam apresentados como um presente ou um fardo — passam totalmente despercebidos. E mais uma vez o Recompensador e o Castigador esquivam-se, lutando para entender por que saber o código por trás do vinho não diminui seu prazer na língua, por que saber do caráter inescapável da mágoa não mitiga sua dor, por que ter um vislumbre dos mecanismos do amor não altera seu apelo inebriante.

## *Subjuntivo*

No Além, você é julgado não por comparação com outras pessoas, mas comparado a si mesmo. Especificamente, você é julgado em comparação com o que poderia ter sido. Assim, o Além é muito parecido com o mundo atual, mas agora inclui todos os vocês que podiam ter sido. Em um elevador você pode encontrar versões de maior sucesso de você mesmo, talvez o você que escolheu deixar a cidade natal três anos antes, ou o você que por acaso estava a bordo do avião ao lado do presidente de uma empresa que depois o contratou. Enquanto conhece esses vocês, você vive uma espécie de orgulho que sente por um primo bem-sucedido: embora as realizações não pertençam diretamente a você, de certo modo parecem próximas.

Mas logo você cai vítima da intimidação. Esses vocês não são realmente você, são melhores do que você. Eles escolheram de forma mais inteligente, trabalharam mais, forçaram portas fechadas com um vigor a mais. Essas portas por fim se abriram e permitiram que suas vidas tomassem novos rumos pitorescos.

Esse sucesso não pode ser explicado por uma genética melhor; não, eles jogaram melhor as cartas. Em suas vidas paralelas, eles tomaram decisões melhores, evitaram lapsos morais, não cederam ao amor tão facilmente. Esforçaram-se mais do que você para corrigir seus erros e pediram desculpas com mais frequência.

Por fim, você não consegue mais suportar ficar perto de seus vocês melhores. Você descobre que nunca se sentiu tão competitivo com ninguém na vida.

Você tenta se misturar com os vocês piores, mas isso não alivia sua aflição. Na verdade, você tem pouca simpatia por aqueles vocês menos importantes e trata sua indolência com muita altivez. “Se você tivesse parado de ver TV e saído do sofá, não estaria nessa situação”, diz você quando se dá ao trabalho de interagir com eles.

Mas os vocês melhores sempre aparecem diante de você no Além. Na livraria, verá um deles de braços dados com a mulher afetuosa que você deixou escapar. Outro você está vasculhando as estantes, passando os dedos pelo livro que acabou de escrever. E olhe aquele corredor passando lá fora:

ele tem um corpo muito melhor do que o seu, graças à perseverança na ginástica que você nunca teve.

Você acaba caindo numa postura defensiva, procurando motivos para não querer ser tão comportado e virtuoso. De má vontade, você faz amizade com um dos vocês piores e sai para beber com ele. Até no bar você vê os vocês melhores pagando rodadas para os amigos, comemorando sua mais recente boa decisão.

E assim seu castigo é inteligente e automaticamente regulado no Além: quanto menos você atinge seu potencial, mais é obrigado a lidar com esses eus irritantes.

## ***Busca***

No momento de transição entre a vida e a morte, só uma coisa muda: você perde o *momentum* dos ciclos bioquímicos que mantém a maquinaria em funcionamento. No instante antes da morte, você ainda é composto dos mesmos milhares de trilhões de trilhões de átomos do momento depois da morte - a única diferença é que cessou sua prestativa rede de interações sociais.

Neste momento, os átomos começam a se separar, não mais escravizados às metas de manter uma forma humana. As peças que interagem e antigamente constituíram seu corpo começam a se desenrolar como um suéter, cada fio saindo em espiral para lados diferentes. Depois de seu último suspiro, aqueles milhares de trilhões de trilhões de átomos começam a se misturar na terra que os cerca. Enquanto você se degrada, seus átomos começam a se incorporar em novas constelações: na folha de uma samambaia, numa concha mosqueada de lesma, numa espiga de milho, na mandíbula de um besouro, numa sanguinária cerosa, numa pena da cauda de um lagópode.

Mas acontece que seus milhares de trilhões de trilhões de átomos não eram uma coleção fortuita: cada um deles era rotulado como pertencente a *você* e continua a ser assim para onde quer que vá. Então você não desapareceu, simplesmente assumiu formas diferentes. Em vez de seus gestos serem o erguer de uma sobancelha ou um beijo soprado, agora um gesto pode consistir em um mosquito alçando voo, uma espiga de trigo ondulando ao vento e o pulmão de uma baleia beluga respirando. Sua maneira de expressar a alegria pode se tornar um manto de algas brincando no bater de uma onda, um funil pendular dançando de um cúmulo-nimbo, um peixe-rei nascendo, um seixo acetinado de rio deslizando por um redemoinho.

De seu atual ponto de vista agregado, este Além pode parecer enervantemente distribuído. Mas na realidade é maravilhoso. Você não pode imaginar o prazer de estender seu corpo redefinido por vastos territórios: agitando suas relvas, curvando seu galho de pinheiro e flexionando uma asa de garça enquanto empurra um caranguejo para a superfície pelas hastes fulgurantes de luz. O sexo chega a alturas que jamais foram sonhadas na

corporalidade humana compacta. Agora você pode se comunicar em muitos lugares com seus corpos a um só tempo; você agita as mãos versáteis sobre a figura multiflora de sua amante. Seus rios correm juntos. Vocês se movem em harmonia como criaturas entrelaçadas na campina, emaranham-se na vegetação explosiva dos campos, acariciam frentes climáticas que têm seu ápice nas tempestades.

Assim como em sua vida atual, a desvantagem é que você está sempre em fluxo. À medida que as criaturas se degradam e seus frutos caem e apodrecem, você se torna capaz de novos gestos e perde outros. Sua amante pode se afastar de você no voo migratório de aves tropicais, num estouro de alces que se distanciam, ou num regato que silenciosamente põe a cabeça sob o solo e salta em algum lugar que lhe é desconhecido.

Aparecem muitos de seus mesmos problemas: tentação, angústia, raiva, desconfiança, depravação — e não se esqueça do pavor crescente do livre-arbítrio. Não se engane em acreditar que as plantas crescem mecanicamente para o sol, que as aves escolhem sua direção por instinto, que o gnu migra por projeto: na realidade, tudo busca. Seus átomos podem se espalhar, mas não podem escapar da procura. Uma ampla distribuição não o protege de se perguntar como acelerar seu tempo.

Uma vez a cada poucos milênios, todos os seus átomos se congregam, viajando pelo planeta, como os líderes de nações numa reunião de cúpula, convergindo para seu reencontro mais denso na forma de um humano. Eles são impelidos por nostalgia a se reagrupar na geometria estreita e definida com que começaram. Nesta forma, eles podem saborear um senso esquecido de intimidade de feriado. Eles se unem em busca de alguma coisa que antes conheciam, mas não apreciaram na época.

A reunião é calorosa e comovente por algum tempo, mas não demora muito para que comecem a sentir falta de sua liberdade. Na forma de um humano, os átomos sofrem de uma claustrofobia de tamanho: os gestos são uma agonia de tão limitados, restritos aos tropeços de membros minúsculos. Como humano condensado, eles não podem ver pelas esquinas, só podem falar por curtos espaços ao ouvido mais próximo, não podem se estender e tocar por qualquer distância significativa. Somos o momento de menor agilidade para os átomos. E, nesta forma, eles se veem ansiando para subir montanhas, vagar pelos mares e conquistar o ar, buscando recapturar a imensidão que conheceram antes.

## ***Reversão***

Não existe Além, mas isso não quer dizer que não tenhamos de viver uma segunda vez.

A certa altura, a expansão do universo vai se reduzir, parar e começar a se contrair, e neste momento a seta do tempo reverterá. Tudo o que aconteceu pelo caminho acontecerá de novo, só que detrás para a frente. Desta maneira, nossa vida nem morre, nem se desintegra: ela se rebobina.

Nesta vida reversa, você nasceu do chão. Na cerimônia do enterro, nós cavamos para tirá-lo da terra e o transportamos com pompa até o necrotério, onde é retirada a maquiagem de nascimento. Você então é levado ao hospital, onde, cercado por médicos, abre os olhos pela primeira vez. Em sua vida cotidiana, vasos quebrados se remontam, água derretida congela em bonecos de neve, corações magoados encontram o amor, rios sobem colinas. Casamentos percorrem estradas pedregosas e por fim terminam num encontro erótico. Os prazeres de uma vida inteira de sexo são revividos, culminando em beijos em vez de sono. Homens barbados tornam-se crianças de cara lisa que são mandadas à escola para se livrar suavemente dos pecados originais do conhecimento; a leitura, a escrita e a matemática são apagadas. Depois dessa deseducação, os formandos encolhem, engatinham e perdem os dentes, chegando à pureza do mais elevado estado da primeira infância. Em seu último dia, chorando porque é o fim de sua vida, os bebês sobem de volta ao útero das mães, que por fim encolhem e voltam ao útero de *suas* mães e assim por diante como bonecas russas concêntricas.

Nesta vida reversa, você tem expectativas ditosas sobre o que virá à medida que experimenta sua história detrás para a frente. No momento da reversão, você está genuinamente feliz, porque, enquanto a vida pode ser vivida para a frente pela primeira vez, você desconfia de que ela só será realmente compreendida se houver uma reprise.

Mas há uma surpresa dolorosa reservada para você. Você descobre que sua lembrança passou uma vida toda fabricando pequenos mitos para manter sua história de vida coerente com o que você pensou que fosse. Você se envolveu numa narrativa coerente sem se lembrar bem de pequenos detalhes, decisões e sequências de acontecimentos. No caminho de volta, o

pano dessa história se desvela. Revertendo pelos corredores de sua vida, você é espancado e se machuca nas colisões entre a reminiscência e a realidade. Quando entra no útero de novo, entende tão pouco de si quanto entendia em sua primeira vez ali.

Este livro foi impresso na Editora JPA Ltda.  
Av. Brasil, 10.600-Rio de Janeiro — RJ,  
para a Editora Rocco Ltda.